

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Isabelle Sofia de Jesus

**CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E DESEMPENHO
ESCOLAR: as contribuições de Bernard Lahire**

Taubaté – SP

2021

Isabelle Sofia de Jesus

**CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E DESEMPENHO
ESCOLAR: as contribuições de Bernard Lahire**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção do certificado
de graduação pelo curso de Pedagogia do
Departamento de Pedagogia da
Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientador: Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa

Taubaté – SP

2021

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

J58c Jesus, Isabelle Sofia de
Configurações familiares e desempenho escolar : as contribuições
de Bernard Lahire / Isabelle Sofia de Jesus. -- 2021.
65 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa, Instituto Básico de
Humanidades.

1. Famílias. 2. Rendimento escolar. 3. Pais e professores.
I. Universidade de Taubaté. Departamento de Pedagogia. Curso
de Pedagogia. II. Título.

CDD – 370

ISABELLE SOFIA DE JESUS
CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E DESEMPENHO ESCOLAR: as contribuições
de Bernard Lahire

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do certificado de graduação pelo curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.
Área: Educação

Orientador: Prof. Dr. Silvio Luiz da Costa

Data: 06/12/2021

Resultado: Aprovado com nota dez

BANCA EXAMINADORA

Dr. Silvio Luiz da Costa

Universidade de Taubaté

Dr. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Universidade de Taubaté

Ma. Cleusa Vieira da Costa

Universidade de Taubaté

Com muita felicidade, dedico este trabalho aos meus pais,
aos colegas de profissão, a Nossa Senhora Aparecida e a
mim mesma, por enfrentar os desafios e crer em minha
capacidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força para enfrentar os desafios ao longo deste trabalho;

Aos meus familiares e amigos, pelo apoio durante minha trajetória acadêmica;

Aos professores, pela paciência, por todos os conselhos e estímulos, favorecedores do meu aprendizado;

A Fundação Lúcia e Pelerson e Penido (FLUPP), pela assistência financeira, profissional e emocional;

A Bernard Lahire, pelas majestosas produções acadêmicas;

Ao meu orientador, Professor Dr. Silvio Luiz da Costa, pela amizade, pelo auxílio, pela dedicação e pelo carinho;

Às pessoas que estiveram ao meu lado ao longo desses anos de curso, pelo incentivo e impacto na minha formação acadêmica.

A árvore que não dá frutos
É xingada de estéril.
Quem examinou o solo?

O galho que quebra
É xingado de podre, mas
Não haveria neve sobre ele?

Do rio que tudo arrasta
Se diz que é violento,
Ninguém diz violentas
Às margens que o cerceiam.

Bertold Brecht

RESUMO

O sucesso ou o fracasso escolar, muitas vezes, tem sido associado ao papel das famílias no envolvimento e na participação nas trajetórias escolares. As configurações familiares, os modos de ser e de se organizar de uma família, podem implicar, segundo estudos, no desempenho escolar. Nessa direção, este trabalho de graduação pretende analisar as configurações familiares e suas influências nos percursos escolares. O estudo trata de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, que iniciou-se com um levantamento de trabalhos nos bancos de dados Periódicos Capes e Scielo. As análises estão ancoradas nas teorias de Lahire, principalmente na obra *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, publicada no Brasil em 1997 e de comentadores, especialmente em Piotto (2011), Nogueira (2013) e Teixeira (2010). Resultados apontam que, para Lahire (1997), existem diferentes formas de comprometimentos das famílias com a vida escolar de seus filhos. Seja por meio de momentos de escrita, de leitura ou de diálogo, de punições, coerções, castigos, cobranças, controle moral e social, os pais se envolvem na escolaridade de sua progênie. Desse modo, é equivocado dizer que as famílias são omissas no cotidiano escolar de seus filhos. Para o sociólogo o sucesso e o fracasso escolar merecem um olhar mais focado e direcionado e não podem ser justificados somente pelos dados estatísticas e visões gerais, uma vez que não permitem uma análise individual e singular de cada caso. Para o autor, o desempenho escolar depende da maior ou menor contradição ou, consonância entre as duas redes interdependentes: a escola e a família. Desse modo, dadas as contribuições de Lahire e de seus comentadores, percebe-se que, nas diferentes configurações familiares, existem estratégias próprias de envolvimento que influenciam no desempenho escolar de forma ímpar e merecem uma análise atenciosa e focada. Como decorrência dessas reflexões, conclui-se também a importância de o professor e de a escola reverem preconceitos e construir mecanismos para contribuir no comprometimento das famílias no sucesso escolar de seus filhos.

Palavras-chave: Configuração familiar. Desempenho escolar. Relação família e escola.

ABSTRACT

School success or failure has often been associated with the role of families in their involvement and participation in school trajectories. The family configurations, the ways of being and organizing of a family, can imply, according to studies, in the school performance. In this direction, this graduation work intends to analyze family configurations and their influence on school trajectories. The study is qualitative research, bibliographical in nature, which began with a survey of works in the Capes and Scielo journals database. The analyzes are anchored in Lahire's theories, mainly in the work *Success school in popular circles: the reasons for the improbable*, published in Brazil in 1997 and by commentators, especially in Piotto (2011), Nogueira (2013) and Teixeira (2010). Results indicate that, for Lahire (1997), there are different ways in which families are committed to their children's school life. Whether through moments of writing, reading or dialogue, punishments, coercions, punishments, demands, moral and social control, parents are involved in the education of their offspring. Thus, it is wrong to say that families are silent in their children's daily school life. For the sociologist, school success and failure deserve a more focused and directed look and cannot be justified only by statistical data and general views, since they do not allow for an individual and singular analysis of each case. For the author, school performance depends on the greater or lesser contradiction or consonance between the two interdependent networks: the school and the family. Thus, given the contributions of Lahire and his commentators, it is clear that, in the different family configurations, there are specific involvement strategies that influence school performance in a unique way and deserve a careful and focused analysis. As a result of these reflections, it is also concluded the importance of the teacher and the school to review prejudices and build mechanisms to contribute to the commitment of families in the school success of their children.

Key words: Familiar setting. School performance. Family and school relationship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 VIDA E OBRA.....	13
1.1 Trajetória pessoal e acadêmica de Bernard Lahire	13
1.2 <i>Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável</i>	17
2 O MÉTODO DE BERNARD LAHIRE NA OBRA DE 1997	21
2.1 Procedimentos metodológicos	21
2.2 Configuração familiar	23
2.3 Uma leitura das configurações familiares.....	27
2.3.1 As formas familiares da cultura escrita	27
2.3.2 Condições e disposições econômicas	29
2.3.3 A ordem moral doméstica.....	31
2.3.4 As formas de autoridade familiar.....	33
2.3.5 As formas familiares de investimento pedagógico	35
3 CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESEMPENHO ESCOLAR.....	39
3.1 Decorrências das reflexões a partir das variáveis	39
3.1.1 O mito da omissão parental e as relações famílias-escola	39
3.1.2 O tempo e as oportunidade de socialização	42
3.1.3 Transmissão ou construção?.....	44
3.1.4 Um patrimônio cultural morto.....	46
3.1.5 A integração social e simbólica da experiência escolar.....	48
3.1.6 Capital escolar e experiência escolar.....	49
3.1.7 A constituição das identidades sexuais.....	50
3.1.8 Contradições e instabilidades.....	51
3.2 Contribuições de Bernard Lahire para Sociologia da educação	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de graduação pesquisa as configurações familiares e o desempenho escolar, tendo como substrato teórico as contribuições do sociólogo Bernard Lahire, especialmente a obra *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, publicada, na França, em 1995, e no Brasil, em 1997. É foco dessa pesquisa analisar as configurações familiares sob um ponto de vista singular e não genérico, relativizando visões estatísticas objetivas e preconceitos na utilização de termos como “origem social”, “meio social” e “grupo social”.

Considerando a obra de Lahire (1997), também faz parte dessa pesquisa atender-se às experiências subjetivas e intersubjetivas dos discentes. Outrossim, reconhecer que os indivíduos não são uma representação mecânica, exata ou simples da sociedade em que vivem, entretanto uma construção singular das vivências e práticas cotidianas.

Nesse sentido, alguns questionamentos perpassam o trabalho: o sucesso ou o fracasso escolar podem ser explicados pela omissão parental ou por generalizações alicerçadas nos meios sociais dos indivíduos? E as distintas formas de comprometimento e envolvimento familiar e as maneiras de apropriação cultural e social influenciam no percurso escolar das crianças? O que está envolvido no cotidiano familiar dos discentes que acarreta um bom ou mau desempenho nas atividades escolares? Quais variáveis compõem as configurações familiares e quais suas implicações para o sucesso ou para o fracasso escolar? Qual a relevância de conceber os percursos escolares sob um ponto de vista heterogêneo, singular? Levando em conta os estudos do sociólogo Lahire, quais as suas contribuições para compreender as configurações familiares e suas implicações para o desempenho escolar? Portanto, o problema central e o foco deste trabalho é: como as configurações familiares influenciam no desempenho escolar.

Desse modo, este estudo tem como objetivo analisar como as configurações familiares influenciam no desempenho escolar, considerando o comprometimento escolar que as famílias têm na vida escolar de seus membros. O estudo expõe, a partir de Bernard Lahire (1997), como, em diferentes configurações familiares, as famílias dedicam, se preocupam e cuidam da trajetória escolar de seus filhos, implicando no sucesso ou no fracasso escolar destes.

Justifica-se a elaboração dessa pesquisa como resposta às inquietações pessoais sobre o tema e pelos questionamentos sobre trajetória escolar, pela identificação teórica e o desejo de descobrir e de desvendar novos conceitos e hipóteses sobre as intersecções tão cruciais entre as duas redes de interdependência: a escola e a família. Tenho um anseio pelo entendimento de como os docentes podem compreender as singularidades das experiências sociais de cada aluno em suas respectivas configurações familiares. Dessa forma, uma das responsabilidades desta produção é desenganar concepções errôneas acerca do desempenho escolar e contribuir para um olhar docente individual, relativizado e mais atencioso para com seus educandos para que não dissipem pressupostos de abominação. Ainda nessa direção, este trabalho de graduação busca desmistificar mitos e justificativas errôneas e equivocadas disseminadas em relação às trajetórias escolares dos alunos e destas com suas respectivas famílias.

Tem também uma perspectiva social importante, já que, ao invés de o aluno ser julgado pela meritocracia, ele pode ser acolhido em sua diferença, isto é, conjuntamente, um ato político por excelência, dado que significa uma educação que poderá ser mais equitativa, oferecendo mais a quem tem menos. Ressalta-se, portanto, uma relevância pedagógica, pois, à medida que se conhece melhor a trajetória de cada aluno e suas singularidades, é mais significativo as contribuições no desempenho dos discentes.

O estudo trata de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, que iniciou-se com um levantamento de trabalhos nos bancos de dados Periódicos Capes, Scielo e Google Acadêmico. Neste levantamento foram utilizados os descritores: família e fracasso escolar, Lahire e a sociologia da educação, família e desempenho escolar conforme a tabela em apêndice. Foram encontrados cerca de 26.887 artigos, 9 foram selecionados para leitura e 4 utilizados na pesquisa. Além destes textos, compôs esta revisão de literatura outros trabalhos sugeridos por professores da faculdade e por indicações do orientador que contribuem nos fundamentos teóricos dessa pesquisa.

A principal referência do estudo é a obra clássica de Lahire *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (1997), a qual acrescenta as contribuições de autores, como Piotto (2011), Patto (1999), Dubet (2004), Zago (2011), Diogo (2010), Teixeira (2010), Sebastião (2007), Benetti, Vieira e Farraco (2016), Varani e Silva (2010) e Pozzobon, Falcke e Marin (2018).

A pesquisa se desenvolve numa sequência lógica e crescente, isto é, apresenta-se o autor Bernard Lahire, sua obra de 1997, seus procedimentos metodológicos, a definição e as formas de leituras das configurações familiares, as implicações das famílias para o sucesso ou fracasso escolar e as contribuições de Lahire (1997) para a Sociologia da educação.

Em virtude desse caminho, o trabalho está organizado em três capítulos: “Vida e obra”, “O método de Bernard Lahire na ‘obra de 1997’” e “Configurações familiares e suas implicações no desempenho escolar”.

1 VIDA E OBRA

1.1 Trajetória pessoal e acadêmica de Bernard Lahire

Nascido em meio operário no dia nove de novembro de 1963, na cidade de Lyon, na França, o sociólogo, professor e pesquisador Bernard Lahire, completa nesse ano de 2021 58 anos. É reconhecido pelas obras publicadas e pela grandiosa trajetória acadêmica no campo da educação, da cultura e das questões ligadas às Ciências Humanas e Sociais, além das incríveis contribuições inovadoras no campo da Sociologia.

Defende, em suas teorias, uma sociologia em escala individual, isto é, compreende-se que as experiências e disposições dos seres, sejam elas relacionadas ou não ao contexto escolar, são heterogêneas e não podem ser explicadas unicamente a partir dos dados estatísticos. Concomitantemente, reconhece e admite a imprescindível análise relativizada nas reflexões sociológicas. Perspectiva esta que ganhou maior relevância na obra publicada, na França, em 1995, e no Brasil, em 1997, *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, que investiga as singularidades das crianças dos meios populares na França, suas configurações familiares e suas trajetórias escolares, colocando em prática uma sociologia que prioriza as condições de cada sujeito.

Lahire foi o primeiro da família a chegar à universidade e, na busca por compreender esse fato, toma o sucesso e o fracasso nos meios populares como seu principal objeto de estudo. Nesse sentido, declarou em entrevista à revista *Nova Escola*, em 2015: “Eu queria compreender por que minha irmã, meus primos e meus amigos enfrentaram dificuldades na escola, e o que havia me conduzido a um caminho incomum”.

Desde o início de sua carreira universitária, desenvolveu uma paixão incontrolável pela Sociologia, campo de estudo a que se dedica até os dias atuais. Sobre sua trajetória, na entrevista publicada em *Educação e Pesquisa* (2004), relata:

Cheguei à universidade com os questionamentos e as inquietações próprias à minha situação de trãnsfuga de classe, e nela encontrei a sociologia, que começou a me trazer respostas satisfatórias. Rapidamente comecei a viver a sociologia como uma vocação e de forma apaixonada. Para mim não se tratava de uma simples formação acadêmica e de um simples percurso em busca de um diploma, mas de uma verdadeira experiência íntima, existencial, vital (2004, p. 315).

De acordo com a entrevista publicada na revista *Sociologias* (2015), Bernard Lahire iniciou seus estudos acadêmicos na Universidade de Lyon II em 1981. Durante esse período, foi membro do Grupo de pesquisas sobre socialização da Universidade, que reunia vários pesquisadores e sociólogos para estudos relativos a questões escolares. Analisavam a escola rural do Antigo Regime, as formas escolares dos séculos XVII e XX, revisitavam a história da instituição escolar e, concomitantemente, estudavam sobre a extensão da forma escolar de aprendizagem e a relação dessa com a formação profissional e o impacto nas famílias da classe média e alta.

Enquanto a maioria dos membros desse grupo investigavam sobre a escola e as formas de aprendizagem, sobre a relação professor e aluno na escola moderna e acerca do saber escolar, Lahire se interessou por um caminho de pesquisa diferenciado. Sanciona que teve como foco as crianças dos meios populares e suas relações com a forma escolar de aprendizagem, a fim de compreender suas dificuldades escolares.

Dessa forma, enquanto os demais estudiosos da época refletiam sobre o aprendizado escolar, a reprodução, a legitimação e a escola capitalista francesa, o sociólogo guiou suas investigações no que diz respeito ao papel das aulas e os motivos pelos quais, por vezes, eram provedoras do fracasso escolar. Logo, desde meados de 1980, suas temáticas de estudo se concretizavam nos assuntos relacionados ao fracasso escolar nos meios populares franceses durante a escola primária.

No que concerne a outros temas refletidos pelo estudioso, ainda conforme explicitado na entrevista à revista *Sociologias* (2015), aborda:

Comecei, portanto, trabalhando com o fracasso escolar na escola primária, tema de minha tese, defendida em 1990. Depois, sucessivamente, estudei os usos sociais da escrita, os sucessos escolares improváveis em meio popular, os estilos de estudo em diferentes áreas do ensino superior francês, a escalada (do fim dos anos 1970 ao fim dos anos 1990) dos discursos públicos sobre o "analfabetismo funcional", as práticas culturais dos franceses e, mais recentemente, a condição social dos escritores e os processos de criação literária, dando uma atenção mais particular ao universo de Franz Kafka que penetra os mistérios da dominação e desvela a magia de seus efeitos (2015, p. 282).

Desde seus 31 anos de idade, Bernard Lahire leciona na Universidade Lumière de Lyon II, na França, e é pesquisador do Centro nacional de pesquisa científica

(Centre national de la recherche scientifique — CNRS), uma das maiores instituições de pesquisa da França, ligada ao Ministério de ensino superior e pesquisa¹.

De sua trajetória acadêmica, pode-se destacar alguns pontos relevantes²; a defesa de sua tese em 1990: *Formas sociais de escrita e formas sociais orais*: uma análise sociológica do fracasso escolar, na Universidade de Lumière, que tinha como objeto principal de pesquisa o fracasso escolar na escola primária; membro do Instituto universitário da França, foi admitido na Escola normal superior de Letras e Ciências Humanas, foi diretor do Grupo de pesquisa em socialização ligado ao CNRS e tornou-se diretor-adjunto do Centro Max-Weber; leciona a disciplina de Sociologia e gere a coleção "Laboratoire des sciences sociales", em Éditions La Découverte; ganhou variados prêmios como forma de prestígio ao seu rico e original trabalho, reconhecido nacional e internacionalmente. Dentre as premiações, recebeu o prêmio Claude-Lévi-Strauss da Universidade de São Paulo (USP), a medalha de prata do CNRS (C.N.R.S Silver Medal) e foi condecorado pelo Ministério da cultura da França como cavaleiro da Legião de honra e cavaleiro das Artes e das Letras³.

Tem uma intensa vida acadêmica. Foi professor visitante de várias universidades e se envolveu em inúmeras entrevistas. Marcou presença na Universidade da Califórnia, Berkeley, em fevereiro e março de 1997, na Universidade de Lausanne (Suíça), entre 1997 a 1998, e na "Cadeira Jacques Leclercq" na Universidade católica de Lovaina (Bélgica), em março de 2000. Igualmente, visitou a Universidade de Genebra (Suíça), em 2002 e 2003, e a Universidade nacional de La Plata, em junho 2008 (Argentina). No Brasil, esteve no Instituto universitário de pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), na Universidade de Juiz de Fora, em agosto e setembro de 2008, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e na Universidade do Recife, em novembro 2009.

Inúmeras produções literárias, de referência nacional e internacional, foram escritas por Bernard Lahire. Suas obras, traduzidas em vários países, como na Argentina, na Espanha, em Portugal, na Romênia e nos Estados Unidos, marcaram a esfera educacional e sociológica por todo o mundo.

¹ **CNRS. Ciências sem fronteiras.** Disponível em: <http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/cnrs>. Acesso em: 26 abr. 2021.

² Parte das informações quanto à trajetória do autor foram encontradas no site Wikipedia.

³ **ORDEM DAS ARTES E DAS LETRAS. Wikipedia,** 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_das_Artes_e_das_Letras. Acesso em: 26 abr. 2021.

Dentre as publicações traduzidas para o idioma português tem-se: *O jogo literário e a condição de escritor em regime de mercado* (2009), *Diferenças ou desigualdades: que condições sócio-históricas para a produção de capital cultural?* (2008), *A cultura dos indivíduos, Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual* (2005), *Retratos sociológicos: disposição e variações individuais* (2004), *O homem plural: as molas da acção* (2004) e *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (1997).

Durante sua formação acadêmica, de acordo com sua entrevista à revista *Educação e Pesquisa* (2004), foi influenciado por múltiplos filósofos, sociólogos e estudiosos, dentre eles o linguista e filósofo russo Mikhail Bakhtin, o linguista suíço Ferdinand de Saussure, os filósofos franceses Michel Foucault e Maurice Merleau-Ponty, o antropólogo inglês Jack Goody, o sociólogo e economista alemão Max Weber e, claramente, o sociólogo francês Pierre Bourdieu.

As produções de Pierre Bourdieu foram uma das principais referências para os estudos de Lahire. Nota-se que, no decorrer de suas construções literárias, o autor edifica sua teoria a partir de um afrontamento aos limites da sociologia de Bourdieu, especialmente no que se refere à herança familiar, à reprodução e à legitimação das desigualdades sociais e o desempenho escolar. Na entrevista à revista *Sociologias* (2015), sanciona:

Como ficou claro, foi sobretudo a corrente de Bourdieu, essencialmente sua obra, que me interessaram. Ao mesmo tempo, não fui um discípulo de Bourdieu. Ele é uma espécie de saco de pancada para mim: treino com ele, mas como em um ringue de boxe: eu bato! Venho dessa tradição, portanto, mas, quem diz Bourdieu diz, ao mesmo tempo, uma tradição durkheimiana, weberiana, com elementos de Marx etc. Bourdieu integrou inúmeras teorias diferentes em sua sociologia. A meu ver, é a sociologia mais rica dessa geração, e é na continuidade desse modelo que tento desenvolver criticamente minha própria linha de pesquisa (2015, p. 284).

Uma das teses centrais de Bourdieu caracteriza-se pela ideia de que não é possível justificar o desempenho escolar dos alunos pelos seus dons pessoais, porém a partir de sua origem social (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Esta determina condições positivas ou negativas em relação às exigências escolares. Cabe evidenciar que Pierre Bourdieu discorre acerca do capital cultural intrinsecamente privilegiado pela escola, isto é, os hábitos, saberes e comportamentos assegurados continuamente se referem a uma determinada classe social, preponderantemente

a classe alta. Esse fato causa impedimentos à aprendizagem dos educandos de classes sociais portadoras de um capital cultural diferente do privilegiado pela escola.

Aprofundando essa teoria, Lahire procura investigar as questões relacionadas ao sucesso e ao fracasso escolar nas camadas populares. No dizer expressivo do autor, percebe-se uma análise inédita e diferenciada aos conceitos de objetivismo e subjetivismo destacados por Bourdieu. Concorde com esse último quanto ao fato de que o indivíduo não é totalmente determinado pelas condições ao seu redor e de que nem tudo depende do sujeito. Porém, acrescenta que a compreensão do desempenho escolar dos educandos envolve as condições singulares vivenciadas por cada sujeito e, portanto, uma leitura focada somente na origem social é insuficiente.

A escola acaba por privilegiar saberes e culturas de certos indivíduos no ensino e na aprendizagem, todavia, tendo como nota os estudos de Lahire, o privilégio dado a determinada camada social não é a única explicação para o sucesso ou fracasso dos alunos das camadas populares. Conforme sustenta o autor, torna-se imprescindível relativizar as questões econômicas ou a origem social, devendo-se considerar, para as explicações relativas ao sucesso ou fracasso escolar das crianças, as configurações familiares em que estão imersas.

A partir das temáticas presentes nas obras produzidas por esse autor, nos autores de referência e dos objetos de análise conferidos por ele, nota-se que Lahire, ao longo de sua trajetória, se preocupa com as singularidades dos indivíduos em suas origens sociais. Não só na obra central refletida neste trabalho, *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (1997), como na temática de outros escritos, percebe-se que o autor revela, como já citado anteriormente, uma sociologia em escala individual.

1.2 *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*

Uma das características do pensamento de Lahire (1997) se concretiza em relativizar explicações unicamente pautadas nos referenciais estatísticos e no juízo de valor destinado às camadas sociais para justificar o desempenho escolar. Sobre essa relativização sugerida por Lahire, Costa (2016) comenta:

Não se trata obviamente de negligenciar o peso do capital econômico, até porque ele pode ampliar as condições de acesso aos bens culturais, mas apenas de realçar o peso de outros fatores, sobretudo nas fases iniciais do processo educacional (2016, p. 113).

Nesse esforço de olhar para outros fatores e de relativizar o elemento econômico, ressaltam-se algumas questões: como justificar fracassos escolares de crianças cujos pais, com alto nível de capital cultural e econômico, investem excessivamente em materiais didáticos para complementar os aprendizados escolares de seus filhos? Como compreender sucessos escolares de crianças que têm intensas responsabilidades no interior de suas configurações familiares e que têm pais analfabetos, com baixo capital escolar e econômico?

Muitos desses casos, tendo como nota os dados estatísticos e as visões estereotipadas, são determinados como acontecimentos inesperados, imprevisíveis, ou exceções. Entretanto, Bernard Lahire se esforça para responder a questionamentos como esses, procurando se distanciar das generalizações estatísticas, priorizando um olhar mais focado e direcionado especialmente na obra de 1997.

Esta obra *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (1997) traz, de maneira rigorosa, detalhista e crítica, a pesquisa do autor realizada com 26 famílias francesas de uma mesma camada social, denominadas no livro como “perfis familiares” ou “retratos familiares”. A visita às casas dessas 26 famílias e a consequente entrevista tinham por objetivo compreender as contribuições das condições familiares para os diferentes resultados dessas crianças em uma avaliação oficial. Os alunos da pesquisa têm aproximadamente oito anos de idade e frequentam a segunda série do primeiro grau. Bernard Lahire (1997) ilustra as diferenças secundárias das famílias de um mesmo meio e grupo social, contrapondo generalizações em relação ao desempenho escolar dos indivíduos estudados.

Os títulos no interior da obra denominam-se: *O elo impossível*, *A herança difícil*, *Da indisciplina à autodisciplina*, *Sentimento de inferioridade*, *sentimento de superioridade*, *Configurações familiares heterogêneas*, *A criança no centro da família*, *Investimento familiar positivo ou negativo* e *Os “brilhantes sucessos”*. Tais temas foram determinados pelo certo grau de semelhança em relação aos contextos familiares e para facilitar a leitura, isto é, “fornecer tempo de respiração ao leitor”. Todavia, a determinação dessa divisão não significa que as configurações familiares retratadas não se relacionam com as demais, que estão em agrupamentos distintos.

Sobre o foco central do livro, Viana (1999) alega duas temáticas que afloram como principais: o da subjetividade como construção social e a necessidade de

superar oposições clássicas entre indivíduo e sociedade. Concomitantemente, tendo como nota o substrato da pesquisa de Lahire (1997), a resenha traz a ideia de que:

O problema básico que norteia sua investigação é a busca da compreensão de “diferenças secundárias” entre famílias populares que se assemelham do ponto de vista de certas variáveis objetivas, como baixos níveis de escolaridade e de renda, mas cujos filhos apresentam resultados escolares bastante diferentes. Para o autor, há nesse fenômeno “um mistério a ser elucidado”, uma vez que o sociólogo tende a se limitar às grandes regularidades sociais (1997, p. 115).

Ao longo dessa obra, o autor posiciona-se sobre o papel da família no processo de escolarização. Entende que o sucesso ou o fracasso escolar dependem da contradição, ou da consonância maior ou menor da escola e da família, já que as mesmas são consideradas como redes de interdependência (LAHIRE, 1997, p. 19). Dentro dessas redes de interdependência, o autor realiza uma leitura das configurações familiares a partir de algumas variáveis de análise que serão apresentadas no capítulo posterior.

Convém destacar que, na obra estudada, o autor, em sua conclusão, pontua fatores presentes nos arranjos familiares que podem interferir positivamente ou negativamente no desempenho escolar, tais como os bloqueios familiares, a experiência escolar, o tempo e as oportunidades de socialização no interior das configurações e as contradições e instabilidades familiares.

A partir dessas reflexões é imperioso destacar o posicionamento pertinente do sociólogo referente à divulgação errônea da omissão parental disseminada por muitos docentes. Por meio de suas palavras, deixa evidente que as diversas famílias, consciente ou inconscientemente, procuram formas de se envolver com a escolaridade dos seus integrantes, seja de maneira mais ou menos explícita. Para enfatizar esse fato, Lahire determina e explora o conceito do mito da omissão parental.

Desfrutar dessa sociologia individual de Lahire permite aos leitores possíveis interpretações em relação aos casos de desempenho escolar considerados, regularmente, como fora da realidade. Conforme sustenta o sociólogo, “as situações de sucesso escolar no curso primário estão longe de ser improváveis em meios populares” (1997, p. 51).

Elucidando situações características de cada contexto familiar sob um ponto de vista não plural, o livro estimula uma reflexão ímpar. De forma marcante e esmiuçada,

a obra apresenta motivos variados para o entendimento do sucesso ou do fracasso escolar de “perfis” de uma mesma camada social.

Lahire se dedica e defende, de maneira excepcional e grandiosa na obra de 1997, a passagem do microsocial ao macrosocial nas reflexões sociológicas, relativizando e confrontando a generalização das estatísticas no que diz respeito ao desempenho escolar. Seu método possibilita a seus leitores a reflexão de que, a partir de um olhar profundo para o micro, vislumbra-se o macro. Sua sociologia defende a ideia de que a análise do microsocial permite melhor compreensão do macrosocial, isto é, interpretando as singularidades sociais, pode-se perceber, assertivamente, os aspectos mais globais.

Ademais, é válido ressaltar que, ao longo de toda a obra, o sociólogo francês desmitifica e refuta as explicações que consideram somente o meio, a origem e o grupo social (LAHIRE, 1997, p. 32) para caracterizar o sucesso ou o fracasso escolar das camadas populares, já que historicamente as dificuldades escolares eram atribuídas às crianças de meios populares (PATTO, 1999). Tais termos, segundo os dizeres do estudioso, são insuficientes e abstratos e, ao mesmo tempo, superficiais na análise dos perfis que investiga na pesquisa publicada na obra de 1997. Sobre essa perspectiva individual, Nogueira (2013, p. 2) observa que “em outras palavras, a abordagem de Lahire evidencia os limites de validade das explicações macrosociológicas”.

A obra em estudo possibilita questionar o inquestionável e perceber o imperceptível com um ponto de vista mais humano, focado e direcionado em relação às trajetórias escolares. Apresenta ao leitor, por meio da análise dos perfis e das descrições dos acontecimentos durante a entrevista, as vivências e as características únicas de cada configuração familiar e, respectivamente, as razões do improvável no que confere ao sucesso e ao fracasso escolar. Portanto, a obra *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* de 1997 marca a trajetória pessoal e acadêmica de Bernard Lahire.

As configurações familiares e as categorias de organização, variáveis de estudo dos elementos de pesquisa do sociólogo, fazem parte do método do autor e serão objeto de reflexão do subsequente capítulo.

2 O MÉTODO DE BERNARD LAHIRE NA OBRA DE 1997

O trabalho elucidará, neste capítulo, o método de Lahire em seu livro de 1997, isto é, os procedimentos de pesquisa que adota nessa obra. Os caminhos que adverte vão desde concepções e definições conceituais até reflexões decorrentes das análises em torno de seu objeto de estudo: o aluno, seu contexto familiar e escolar. Para a realização de seu método, o autor usufrui de uma sociologia à escala individual, ou seja, constrói sua obra alicerçada na ideia de que para explicar desempenhos ou disposições de um indivíduo, é, precipuamente, necessário admitir que suas relações, vivências e realidades são únicas, portanto apenas as visões gerais estatísticas são insuficientes para a compreensão de cada caso.

2.1 Procedimentos metodológicos

Tendo como objetivo compreender o desempenho escolar nos meios populares, Lahire adota como procedimento metodológico a realização de visitas a vinte e seis famílias de alunos da 2ª série do 1º grau de uma escola da periferia de Lyon, na França. A referência inicial para a escolha desses alunos foram os resultados da avaliação nacional dos educandos da 2ª série do 1º grau, feita em setembro de 1991, nas disciplinas de francês e de matemática:

Em uma segunda etapa constituímos, no interior deste subgrupo, duas grandes categorias de alunos: aqueles que tinham “ido” relativamente mal na avaliação nacional da 2ª série (média geral em francês e matemática estritamente inferior a 4,5) e aqueles que tiveram “êxito” na avaliação (média geral em francês e matemática estritamente superior a 6) (1997, p. 48).

De acordo com Piotto (2008, p. 706), “[...] o interesse específico de Lahire nessa pesquisa foi a relação das famílias de camadas populares com situações de sucesso e de fracasso escolares”. Os perfis dessas 26 famílias, em conformidade com Viana (1999), foram agrupados em oito temas pelo certo grau de familiaridade que as configurações familiares dispunham. O critério utilizado nessa divisão foi o peso de certos indícios que aparecem em cada arranjo familiar. Em relação a esse agrupamento, o sociólogo esclarece que o fez para efeito de publicação e para melhor compreensão do leitor quanto aos retratos familiares apresentados.

O método de abordagem do sociólogo constitui-se de maneira muito singular, pois registra fielmente as observações feitas em cada contexto familiar e apresenta detalhadamente as singularidades próprias de cada lócus. Nota-se a forma minuciosa e realista como coleta informações dos contextos sociais analisados. Para a construção da observação dos perfis, o autor se pauta em variáveis, elementos de análise de seu objeto de estudo, para evidenciar as peculiaridades de cada configuração familiar: “[...] o que procuramos são invariantes ou invariâncias por meio da análise de configurações singulares tratadas como variações sobre o mesmo tema” (LAHIRE, 1997, p. 71).

Sobre essa abordagem metodológica, Piotto (2008, p. 703) alega que “[...] a despeito da semelhança de origem social e condições de vida, os caminhos percorridos pelas trajetórias escolares dessas crianças são heterogêneos e múltiplos. E é sobre as razões das improbabilidades que se debruça Lahire”. Nogueira (2013) pontua que:

Lahire observa também que essas dimensões não poderiam ser tomadas de maneira abstrata, desencarnada, descontextualizada, como seria o caso nos modelos macrossociológicos. O autor procura investigar justamente o modo como as vantagens ou desvantagens são transmitidas às crianças a partir de processos de socialização concretos, vividos em configurações familiares reais (2013, p. 11).

Em todas as entrevistas, o sociólogo traz das crianças sua nacionalidade, idade e a nota na avaliação nacional. Elucida, sincronicamente, o nível de escolaridade e de empregabilidade dos pais, dos irmãos e de parentes próximos. Quais religiões seguem, como entendem o desempenho escolar da criança observada, o que fazem para estimular esse desempenho e como é organizada a rotina doméstica do lar.

Observa-se também a descrição de como a família se comunica e quais línguas falam como na narração do histórico do pai de Mehdi M.:

O senhor M. fala correntemente a língua comoriana e se exprime em francês com grande dificuldade nas construções de frases e no vocabulário. Lê mal o francês (sobretudo do ponto de vista da compreensão), lê a língua comoriana escrita com a ajuda do alfabeto francês ou árabe, e lê o árabe literário, sobretudo o Alcorão (1997, p. 80).

As visitas realizadas por Lahire (1997) às famílias do meio popular francês, pressupõe-se que duraram minimamente de duas a três horas. Percebe-se seu esforço e paciência em descrever minuciosamente não somente a fala dos

entrevistados, mas também como se dispõem os ambientes da casa, isto é, a dimensão espacial, a organização e sons do local, mobílias, cômodos, decoração e localização da residência. Todo esse detalhamento é admirável e vital para que o leitor compreenda o contexto e os estágios da visita, a leitura que o autor faz das realidades das famílias e a relação destas com o desempenho escolar das crianças.

O sociólogo descreve também como foi o agendamento da entrevista, o recebimento da família, como os integrantes se portavam, se vestiam, como dialogavam, como gesticulavam e como se pronunciavam. Constata-se o empenho de Lahire em relatar até mesmo as linguagens não verbais que sucederam ao longo da entrevista: “a senhora O. nem sempre termina as frases, e exprime-se muito com o auxílio de mímicas, o que nos leva a perguntar-lhe várias vezes o que significa as expressões de seu rosto” (LAHIRE, 1997, p. 144).

Nota-se, portanto que:

O esforço de Lahire no sentido de captar a heterogeneidade das famílias é coerente com sua tese central relativa à especificidade da escala individual de análise. Para entender os resultados escolares de uma criança específica não bastaria a caracterização geral e abstrata do grupo social a que ela pertence. Seria necessário investigar a configuração familiar concreta na qual ela está inserida, a força relativa dos laços de interdependência que a unem a cada um dos outros membros do grupo, a natureza mais ou menos contraditória das lógicas socializadoras a que ela é submetida, sincrônica e diacronicamente (NOGUEIRA, 2013, p. 12).

Durante a exibição dos relatos, Lahire (1997) vai descortinando, a partir de algumas variáveis, as configurações familiares e seus mecanismos de comprometimento com o desempenho escolar da população estudada.

2.2 Configuração familiar

A tese principal do pesquisador e sociólogo Lahire, entrementes na obra de 1997, conduz à ideia de que as famílias e seus indivíduos, em suas disposições e vivências, são únicos em si mesmos. Ter como ponto de partida para justificar o fracasso ou o sucesso escolar análises puramente perfunctórias e genéricas é inadequado, insuficiente e incondizente na perspectiva do sociólogo.

As configurações, reunião de características distintivas, únicas⁴ das famílias, são essencialmente sociais. Percebe-se, a partir do detalhamento minucioso acerca das famílias estudadas, a preocupação do pesquisador em evidenciar ao leitor que, embora as configurações familiares estejam num mesmo meio social, apresentam formas de ser, de compreender, de acreditar, de se estruturar, de organizar e de viver diferentes.

Lahire, metaforicamente, entende as configurações familiares como músicas familiares que tratam sobre o mesmo tema, todavia os traços musicais são singulares e particulares apesar de estarem integrados em um mesmo elo de interdependência (1997, p. 39-40). Exemplo disso é uma família que tem vários membros e um deles detém muitas dificuldades escolares e baixo rendimento escolar em matemática. Isso não significa que todos os outros membros terão a mesma dificuldade, embora os indivíduos sejam da mesma família. Cada integrante tem contato com tantas outras pessoas em ambientes contrários à rede familiar que podem ser ou não responsáveis pelo desempenho escolar.

O autor confirma que cada arranjo familiar detém características próprias e, mesmo aparentemente parecidos, se autoexplicam unicamente. Assim sendo, o sociólogo traça os seguintes esclarecimentos:

Definiremos, portanto, provisoriamente, uma configuração social como o conjunto dos elos que constituem uma “parte” (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana (1997, p. 39-40).

Outros comentadores concordam com Lahire (1997) no sentido de que a família exerce forte influência, seja ela considerada positiva ou negativa, nos trajetos escolares de seus membros, nas formas de aprendizagem, de compreensão, de absorção e de decisão, ou seja, “[...] o que os pais fazem com os filhos em casa é muito mais importante do que qualquer outro fator aberto à influência educativa” (BENETTI *et al.*, 2016, p. 798). Esse envolvimento familiar, que pode ser definido como suporte familiar, como determina Pozzon *et al.*, (2018, p. 88), influi no emocional, nas aprendizagens, na comunicação, na interiorização das regras, nas formas de valorização e nas atitudes.

Conforme sustenta Sebastião (2007):

⁴Definição encontrada no **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/configuracao/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

A família possui, pois, um papel central na forma como as crianças percorrem a escolaridade, pois, como afirma Bernard Lahire, é difícil compreender “os resultados e os comportamentos escolares da criança a não ser que reconstruamos a rede de interdependências familiares através da qual ela constituiu os seus esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação, e a maneira como estes esquemas podem “reagir” assim que eles “funcionam” no interior de formas escolares e de relações sociais” (2007, p. 285).

Carvalho *et al.* (2018) declaram, sustentadas por Lahire (1997), que:

[...] as disposições familiares favorecem a aprendizagem escolar aos filhos por meio de configurações e combinações que remetem ao favorecimento escolar do estudante (2018, p. 238).

A partir da obra de 1997 de Lahire, observam-se certas estratégias e mecanismos dentro das famílias que são favorecedores do sucesso ou do fracasso escolar. Em relação ao sucesso escolar e a como as famílias implicam neste, Cunha (2007, p. 512) entende que “[...] não é simplesmente a intervenção na vida escolar dos filhos que é a causa do sucesso escolar, mas a qualidade desta intervenção, ou seja, sua riqueza, que pode ir de um simples controle disciplinar a um verdadeiro preceptorado” (CUNHA, 2007, p. 512).

O sucesso ou o fracasso escolar das crianças tem como alicerce as formas de conceber o mundo, o outro e até mesmo os fatores escolares de acordo com os princípios de suas respectivas configurações familiares. “[...] o ambiente familiar pode influenciar de diversas maneiras as possibilidades de sucesso escolar, seja durante o ano escolar, quando a criança frequenta a escola elementar, seja durante a escolaridade anterior, seja ainda na pequena infância” (CUNHA, 2007, p. 512). Em vista disso: “[...] a família tem esse poder de dar as ferramentas do sucesso”, notificação feita por Lahire durante a entrevista à revista *Nova Escola*, em 2015.

Semelhantemente, com base nas teses de Lahire (1997), cumpre assinalar que as famílias incumbem parte dos processos de construção social, cognitiva, moral e educativa dos indivíduos que a ela pertencem. Da mesma forma, Sebastião (2007) atribui ao espaço familiar “[...] uma importância renovada enquanto agentes com capacidades de intervir decisivamente no campo educativo [...]” (p. 283).

Nota-se, portanto, a partir da obra de Bernard Lahire de 1997, a autêntica presença da família no desempenho escolar das crianças, contudo as mesmas não

são “cópias” idênticas e absolutas em pensamento e decisão dos membros de sua configuração. Desse modo, vislumbra-se que:

De fato, a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família. Ela não “reproduz”, necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida. Suas ações são reações que “se apoiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela (LAHIRE, 1997, p. 17).

Em conformidade com a tese defendida pelo sociólogo francês, Teixeira (2010) esclarece, ao tratar dos conceitos de *habitus* e de disposições em Bourdieu, que é relevante “[...] tentar compreender sociologicamente o sucesso escolar em situações adversas [...]”, “[...] procurando levar a cabo um processo de compreensão sociológica de histórias singulares” (2010, p. 389). Por esse motivo:

[...] não há uma correspondência linear entre capital escolar dos pais e sucesso escolar dos filhos, sendo que este último pode depender, por um lado, depender de princípios de socialização heterogêneos e, por outro, da configuração familiar na qual os indivíduos se inserem (*Ibid.*, p. 389).

Lahire (1997, p. 74) aclara que, ao analisar uma configuração familiar, é necessário investigá-la como um juiz investiga um crime, isto é, observar de maneira singular, detalhada e atenciosa antes de pontuar qualquer justificativa exequível, seja em relação ao desempenho escolar ou não.

Sustentando a necessidade desse olhar minucioso conferido por Lahire (1997), Zago (2011), referindo-se às intenções familiares nos trajetos escolares, explica que “[...] a mobilização familiar, mesmo sendo de difícil interpretação, tem um papel importante no futuro escolar dos filhos, as relações e disposições que estes estabelecem com a escola e com o saber não podem ser ignoradas” (p. 78).

Lahire (1997) pauta-se em algumas variáveis para a análise das configurações familiares: as formas familiares da cultura escrita, as condições e as disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico (1997, p. 20). Alega que essas podem ou não contribuir para o sucesso, ou para o fracasso escolar. Em relação à qual é mais

decisiva nas trajetórias escolares, verifica-se uma variação de configuração familiar para configuração familiar e uma potencialização no desempenho escolar de maneiras distintas.

2.3 Uma leitura das configurações familiares

É certo dizer que as configurações familiares constituem situações que podem contribuir tanto para o fracasso quanto para o sucesso escolar. Pipino *et al.* (2011) ilustram essa ideia quando evidenciam ações que podem favorecer ou não o desempenho escolar das crianças. Elucidam que as mães têm forte influência na vida escolar de seus filhos, ainda mais quando batalham para vencer obstáculos financeiros e se empenham na valorização da escolarização. Pais que acompanham as atividades escolares dos filhos, emprestam livros para fortalecer os aprendizados ou aqueles que cultivam uma divisão de tarefas educativas entre os membros da família possivelmente interferem positivamente no sucesso escolar. Segundo as autoras, “[...] a instrução dos pais é a mais importante preditiva da trajetória escolar do aluno” (2011, p. 2).

Para a descrição das particularidades das configurações familiares e com o objetivo de ressaltar temáticas relevantes para o desempenho escolar das crianças, o sociólogo realiza a organização e a observação das famílias entrevistadas a partir de cinco categorias, denominados de variáveis (p. 20-28). Tais temas são vitais para compreensão da essência familiar e suas formas de implicação no sucesso ou no fracasso escolar dos alunos.

2.3.1 As formas familiares da cultura escrita

As relações com as práticas de leitura e de escrita no interior das diferentes configurações familiares proporcionam as crianças experiências significativas que implicam no seu desempenho escolar. Entende-se que, estruturando-se nas teorias de Bernard Lahire (1997, p. 20-22), cada núcleo familiar tem uma relação com a escrita e com a leitura diferente e lidam com elas de maneira ímpar mesmo que “[...] tenhamos a tendência a representar as classes populares como classes homogêneas [...]”.

Para o autor, “a familiaridade com a leitura, particularmente, pode conduzir a práticas voltadas para a criança, de grande importância para o ‘sucesso’ escolar [...]”. Famílias que estimulam seus membros a lerem cotidianamente, que fazem leitura de jornais, revistas e livros seguidos de discussões orais sobre as narrativas, de certa forma, incentivam esse contato positivo da criança com a ferramenta da leitura e da escrita. “Quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas e lidas por seus pais, ela capitaliza — na relação afetiva com seus pais — estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção de escrita” (*Ibid.*, p. 20). A familiarização com práticas leitoras cotidianas são espelhos para as ações escolares das crianças e estimulam a compreensão de que as formas de cultura escrita são hábitos naturais.

Ilustrando tal afirmação, Lahire, ao apresentar o perfil de Salima T., uma das alunas entrevistadas na obra de 1997 com sucesso escolar, confere que seu pai:

Embora não passe a imagem de um pai que consulte frequentemente o dicionário em casa, o senhor T. (ou às vezes sua mulher) vai com os filhos à biblioteca municipal; também os presenteou recentemente com um livro composto por uma história para cada dia do ano e compra, às vezes, para Salima “livros de histórias, *Branca de Neve*, coisas desse tipo”. Considera evidente (“Ah, claro, felizmente”) que seus filhos possuam sua própria biblioteca (1997, p. 168-169).

Em um contexto anterior ao mundo digital, o autor mostra que, em contextos familiares em que se utilizam agendas, cadernos de anotações sobre os afazeres e cálculos financeiros, listas de compras, receitas escritas, lembretes, calendários ou bilhetes diários entre os familiares repercutem no sucesso escolar das crianças. Essas ações têm como propósito, segundo o sociólogo, objetivar o tempo, mas também acabam acarretando experiências positivas às demandas escolares. Dessa forma, a criança interioriza que os hábitos de escrita e de leitura estão próximos a ela, fazem parte do dia a dia e são possíveis de se praticar, já que seu letramento leitor se potencializa cotidianamente pelo contato com a escrita e leitura em seu principal espaço de convívio: a família.

Para exemplificar que a prática de leitura e de escrita no interior das famílias é enriquecedora, identifica-se a trajetória escolar diferenciada dos alunos brasileiros do Ensino Médio, que praticavam com seus familiares esses hábitos leitores, conforme

os resultados do Pisa 2009⁵. O desempenho escolar desses alunos melhorou significativamente em relação aos resultados do ano de 2000. Observa-se que o prazer pela leitura diária acarreta melhores performances escolares, já que se configura como um hábito comum e rotineiro. Semelhantemente, Benetti *et al.* (2016) reforçam que:

[...] os resultados do Program for International Student Assessment – Pisa – 2009 (OECD, 2010) são ilustrativos de que os alunos de quinze anos de idade cujos pais leram livros com eles, durante o primeiro ano do ensino fundamental, alcançam pontuações significativamente mais elevadas nos testes do que aqueles cujos pais não tinham esse hábito (2016, p. 786).

Sob outra perspectiva, é válido ressaltar que Lahire (1997) esclarece que os hábitos familiares com a escrita também podem causar efeitos negativos na escolaridade das crianças:

Inversamente, podem surgir experiências com o texto impresso negativas ou ambivalentes “em famílias onde os livros são: 1) respeitados demais, arrumados assim que oferecidos, não tendo a criança o direito de tocá-los sozinha; 2) oferecidos como brinquedos que as crianças têm de aprender a manejar sozinhas de imediato”. A questão não se limita, portanto, à presença ou ausência de atos de leitura em casa: quando existe a experiência, é preciso sempre se perguntar se é vivida positiva ou negativamente, e se as modalidades são compatíveis com as modalidades da socialização escolar do texto escrito (1997, p. 20-21).

Admite-se, portanto, que as relações familiares com a escrita e a leitura, além de serem formas de gestão do cotidiano domiciliar, da linguagem e do tempo (1997, p. 23), são, essencialmente, fatores que influenciam, positiva ou negativamente, na maneira como as crianças se comportam e desempenham-se na esfera escolar.

2.3.2 Condições e disposições econômicas

Para que uma cultura escrita ou uma ordem moral de perseverança ocorra, é preciso condições econômicas específicas (LAHIRE, 1997, p. 24), isto é, essas condições podem interferir em outras variáveis que influem nas trajetórias escolares

⁵ O Pisa - Programa internacional de avaliação de alunos – é uma avaliação internacional que mede o nível educacional de jovens de 15 anos por meio de provas de Leitura, Matemática e Ciências. Informação tirada no site do **Portal INEP do Mec**. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/o-que-e-o-pisa/21206. Acesso em: 12 jul. 2021.

(*Ibid.*, p. 24). Entende-se que, a partir da obra de 1997, fatores de ordem econômica como um desemprego, podem gerar inseguranças, medos, incertezas e desestabilidades nos membros de uma família que impactam não somente em questões financeiras e emocionais, mas também educacionais.

Nesse sentido, se, antes, livros pedagógicos eram alvo de investimento de uma família para aperfeiçoamento da leitura e da escrita das crianças em fase de escolarização, em situações econômicas precárias, esse investimento seria impactado negativamente, prejudicando, hipoteticamente, o desempenho escolar dessas crianças.

De acordo com Zago (2011), “[...] é importante reafirmar o peso importante das condições econômicas culturais e sociais na definição dos resultados e do futuro escolar, porém, conforme já foi observado, essa relação não se dá de forma mecânica ou determinista” (p. 77). Lahire (1997), ao citar a epígrafe do acadêmico britânico Richard Hoggart⁶ (1991), comenta que as condições econômicas imediatas não determinam absolutamente e mecanicamente atitudes, deliberações ou disposições econômicas (p. 24).

A maneira como cada família lida com aspectos econômicos e financeiros é relativa, mesmo que estejam num mesmo nível financeiro, isto é:

O mesmo capital, a mesma situação econômica podem ser tratados, geridos de diferentes maneiras, e essas maneiras são tanto o produto da socialização familiar de origem e de trajetórias escolares e profissionais, quanto da situação econômica presente. É desta forma que, enquanto muitas famílias com o mesmo nível de renda da família de Hoggart mergulham em dívidas e caminham para uma situação de subproletariado, a mãe de Richard Hoggart, oriunda de um meio social mais elevado e com tendências ascéticas (opostas ao “deixar fazer para ver o que acontece” de outras famílias), gere o ingerível, ou seja, uma situação de grande precariedade econômica, para não descer mais “baixo” ainda (LAHIRE, 1997, p. 24-25).

Em comentário a essa questão, Zago (2011) afirma que aspectos simbólicos e as estratégias familiares são fatores cruciais para explicações dos resultados escolares dos filhos, apesar das condições econômicas desfavoráveis (p. 77):

As práticas familiares como de acompanhamento nas atividades escolares dos filhos, mas também transmissão de valores, o apoio sistemático de outros membros da família ou fora desta, como um

⁶ **Herbert Richard Hoggart** (24 de setembro de 1918 – 10 de abril de 2014) foi um acadêmico britânico cuja carreira abrangeu os campos da sociologia, literatura inglesa e estudos culturais, com ênfase na cultura popular britânica. Informação tirada do site da **Wikipedia**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Hoggart. Acesso em: 13 jul 2021.

professor, que encorajam o estudante; a demanda escolar relacionada à atividade profissional e conquistas de ascensão no local de trabalho; o tipo de trajetória social familiar; os resultados escolares, entre outras situações, podem produzir disposições favoráveis na definição de percursos singulares com características nitidamente distintas das de colegas da mesma idade e origem social (ZAGO, 2011, p. 77).

Estar numa mesma classe social popular e com malefícios econômicos não significa que os pais não se esforçam para promover o desempenho intelectual e cognitivo de seus filhos (BENETTI *et al.*, 2016, p. 796). Sobre essa ponderação, Sebastião (2007) adverte que:

[...] a pertença a um determinado lugar de classe não significa necessariamente a homogeneidade de meios e condições culturais e sociais, já que para a mesma posição social podem ser encontrados tipos diversos de famílias ou de práticas culturais em arranjos variados (2007, p. 284).

Em consonância, Lahire (1997), ao descrever o caso de Souyla B., coloca em pauta que, mesmo numa família com dificuldades financeiras, Souyla, estudante da 2ª série do 1º grau, tem sucesso escolar, mesmo estando em uma constelação familiar que “[...] não parece poder preparar eficazmente para bons desempenhos escolares” (p. 192). Mesmo que a condição econômica esteja desfavorecida em uma rede familiar, a maneira como esse fato repercute no desempenho escolar é anômalo. Do mesmo modo, ancorando-se nos autores até aqui discutidos, explicações genéricas pautadas somente em justificativas de cunho econômico acerca do percurso escolar de um indivíduo são inverídicas.

2.3.3 A ordem moral doméstica

Respeitar o professor, a cobrança em prestar atenção nas aulas quieto, exigência em ter disciplina, a existência de rotinas e de momentos específicos para brincar, horas consagradas para fazer tarefas, assistir à televisão e até mesmo proibições de saídas fazem parte da variável ordem moral doméstica interior de uma família que também repercute no desempenho escolar dos alunos.

O “bom comportamento”, escuta, respeito ao professor, docilidade e foco, são comportamentos que muitas famílias priorizam e veneram. Lahire (1997, p. 25) cogita

que, como compensação por não saberem auxiliar seus filhos nas atividades escolares, muitos pais pregam uma organização doméstica exigente:

[...] o segredo do sucesso escolar de Samira reside essencialmente no *ethos*⁷ familiar muito coerente que é posto em prática com muita regularidade e sistematicidade. Os pais exercem um controle moral em todos os instantes, e o controle escolar surge como uma parte entre outras do controle exercido mais amplamente em todos os setores da existência.

Os pais são, inicialmente muito rigorosos em relação às horas de deitar-se (Samira se deita, no mais tardar, 20h45 e declara ela própria comer às 7 em ponto). Fixam limites que não devem ser ultrapassados, que se aplicam a todos os dias da semana, exceto o sábado, quando as crianças podem ver os desenhos animados na TLM⁸ (os pais exercem uma censura sobre os filmes vistos) e deitar-se 21h45. Em seguida, Samira, assim como o irmão ou as irmãs, não sai para brincar sozinha no bairro (“Ele não sai nunca, só se eu sai com”), e os pais a levam e vão buscá-la na escola (LAHIRE, 1997, p. 201).

O controle, sancionar notas e comportamentos, coerções e cobranças extremas nos modos de organização são formas que os pais, muitas vezes, encontram para participar da vida escolar de seus filhos, seja por meio do diálogo, do autoritarismo, pelas punições ou pelas premiações (LAHIRE, 1997, p. 26). Essa organização intrafamiliar contribui e afeta a forma como as crianças se organizam e vivem no dia a dia escolar, uma vez que os comportamentos que a família cultiva, por vezes, são os que as instituições de ensino também priorizam:

Moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço, da perseverança, são esses os traços que podem preparar, sem que seja consciente ou intencionalmente visada, no âmbito de um projeto ou de uma mobilização de recurso, uma boa escolaridade. Inúmeras características próprias à forma escolar de relações sociais estão próximas desses traços: apresentação pessoal ou apresentação dos exercícios, trabalho ordenado, cuidado com os cadernos e atitudes corretas. O ofício de aluno no curso primário, o tipo de *ethos*, de caráter que a escola exige objetivamente, podem ser parecidos com o *ethos* desenvolvido por essas famílias (LAHIRE, 1997, p. 26).

Benetti *et al.* (2016) traçam perfis de pais que revigoram o sucesso acadêmico de seus filhos. Dentre os elementos traçados estão: o encorajamento da leitura, da escrita e de conversas/discussões entre os membros da família; o estabelecimento de

⁷ Característica comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ethos/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁸ Télé Lyon Métropole: emissora de televisão de Lyon. Descrição retirada das notas do livro *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (Bernard Lahire, 1997, p. 326).

rotina na família, incluindo hora para deitar e levantar, bem como jantar com a criança; a assistência nas tarefas escolares e o monitoramento de outras atividades relativas ao contexto escolar.

Em relação ao diálogo dentro da ordem moral doméstica de uma rede familiar, segundo a pesquisa feita por Pozzobon *et al.* (2018), o desempenho escolar dos alunos, população de análise, melhorou significativamente pela potencialização do diálogo e da união familiar, “[...] bem como aquisição de comportamento relacionados as normas, limites e a organização de horários para estudos [...]” (p. 87).

Assim, as trajetórias escolares das crianças são impactadas pelos hábitos e vivências morais domésticos, dado que “[...] se a ordem moral e material em casa pode ter uma importância na escolaridade dos filhos, é porque é, indissociavelmente, uma ordem cognitiva” (LAHIRE, 1997, p. 26). Para Lahire (1997), um aluno proveniente de uma família que conserva hábitos de organização adquire, sem perceber, as formas de organização, de conduta e de costume como os da sua configuração familiar, isto é, a maneira como enxerga e entende o mundo traz traços da forma como sua família concebe a realidade (p. 27).

Dessa maneira, “[...] a família é um contexto fundamental no que se refere aos processos de aprendizagem, pois o envolvimento dos pais com a educação dos filhos tem sido apontado como elemento fundamental para o desempenho escolar” (Pozzobon *et al.*, 2018, p. 88).

Conseqüentemente, reconhece-se que regras, limites, rotina, união familiar, diálogo, comunicação, organização, divisão das tarefas, lazer, dentre outros aspectos intrínsecos em uma configuração familiar, implicam no desempenho escolar das crianças.

2.3.4 As formas de autoridade familiar

A escola cobra e desenvolve nos alunos o respeito e o seguimento de regras e formas de comportamento escolares adotados na instituição. Nota-se que, quando o aluno tem mais facilidade para seguir padrões e regras da escola, a instituição o considera mais autônomo no exercício de suas funções, isto é, entende-se que são diferentes daqueles em que se tem que repetir, demasiadamente, os conceitos de disciplina solicitados. A família, na perspectiva de autoridade, gera condutas que podem impactar naquelas incentivadas pela escola (LAHIRE, 1997, p. 27-28).

Para o autor francês, agressões verbais, físicas ou morais, coerções, limitações, sanções, castigos ou cobranças praticadas no interior de uma família são formas de autocontrole para interiorização das normas (1997, p. 28), a fim de que as regras sejam cumpridas corretamente.

A partir da entrevista com a família de duas alunas com fracasso escolar: Latifa e Aïcha, apresentada por Lahire (1997, p. 88-97), verifica-se que seus familiares praticam sanções como repressões por não efetuarem corretamente e com disciplina as demandas não só familiares, mas principalmente escolares:

Os dois olham as notas, e quando são baixas, a mãe as pune, obriga-as a estudarem, proíbe de ver televisão, grita e bate nelas. O irmão mais velho e o de 10 anos também batem nelas, e a mãe exprime sua satisfação em ver os filhos “tomarem conta” de suas irmãs: “Ele bate nelas e eu fico contente, ele bate nelas. É por elas, não por ele. Ele é inteligente”. As duas irmãs são unânimes, em cada uma das respectivas entrevistas, ao dizer que as reações dos pais ou dos irmãos, quando tomam conhecimento de suas notas baixas, são violentas: “dão bronca”, “xingam”, “ameaçam”, batem com um cinto, com sapato ou dão tapas, e Aïcha conta que sua mãe lhe diz: “Se ocê tira nota baixa, vou te batê”. Elas fazem sozinhas as lições, “ajudadas” apenas pelos irmãos de 10 e 14 anos. (a mãe diz que ela “não consegue” ajudá-las ou explicar). O irmão de 10 anos também bate nelas se não fazem as lições, se não compreendem ou não fazem certo os exercícios. Mas Aïcha e Latifa, evocando explicitamente a incapacidade dos pais de ler o francês, dizem na entrevista que não lhes mostram suas lições sistematicamente, e isto com a cumplicidade dos irmãos. De fato Aïcha e Latifa estão relativamente sós em face de sua escolaridade, e só têm “diálogo” familiar sobre questões escolares através de socos, gritos, xingamento dos pais, mas também dos irmãos, que se revezam com os pais na política disciplinar parental: “Sobretudo meu irmão, ele me xinga hiper-demais, na 2ª série”, —E ele te castiga? — “Não, ele me bate e coisas assim” (*Ibid.*, p. 94).

Pozzobon *et al.* (2018), em suas pesquisas, apontam que, após a intervenção realizada com famílias de alunos com baixo desempenho escolar, constataram que houve uma mudança significativa nos hábitos de autoridade das configurações familiares estudadas. Após a operação efetuada, averiguaram que, em oposição aos castigos e às cobranças, o diálogo e o apoio foram mais favorecedores e fomentadores do bom desempenho escolar de seus filhos:

Após a intervenção, observaram-se mudanças nos pensamentos e atitudes tanto dos pais quanto dos filhos. Os pais passaram a entender que sua presença e apoio eram importantes para promover o maior comprometimento dos filhos, não só com os estudos, mas com a família e demais relações sociais: “mudou meu modo de falar, respeitar os familiares, professores e amigos, não brigar” (Ff3). Para os filhos, destacou-se a alegria de verificar que “minhas notas

aumentaram! Estão bem melhores, o que para mim é uma conquista, porque antes tirar notas boas era um sacrifício” (Ff2) (2018, p. 92).

Desse modo, pressupõe-se que a maneira como a família lida com a autoridade e a disciplina influi no comportamento e nas formas de vivências dos alunos em casa e em sala de aula, não sendo verdadeiramente garantia plena de sucesso ou de fracasso escolar. Lahire (1997, p. 28) chama a atenção para ocorrências de que, frequentemente, o comportamento e as atitudes exigidas pela família e pela escola podem ser opostas, ou diferentes, isto é, pode haver um “choque”, uma contradição entre as formas de lidar com regras e normas consideradas corretas nessas redes de interdependência, ocasionando possíveis insinuações equivocadas, como a desobediência.

No ensejo de finalização deste item, de fato, as formas de autoridade familiar infundem não só nos trajetos escolares, mas também nas convicções e nas compreensões mundanas presentes e futuras das crianças.

2.3.5 As formas familiares de investimento pedagógico

O investimento pedagógico, variável que impacta no desempenho escolar segundo Lahire (1997), constitui-se de atitudes familiares em prol do que consideram como bem maior e, por vezes, o objetivo final para a ascensão social: o estudo. Muitos pais se dedicam exclusivamente para dar conforto aos seus filhos no quesito escolar e batalham para que tenham o necessário para estudarem, para que cumpram as obrigações escolares e “subam na vida” (LAHIRE, 1997, p. 28).

Esta intenção familiar, ou projeto familiar, para o investimento pedagógico se potencializa cada vez mais em famílias em que as ambições e sacrifícios dos pais, a fim de que ocorra o sucesso escolar de seus filhos, sejam uma forma de realização pelo que não conseguiram atingir. Lahire (1997) sustenta que o investimento pedagógico dos pais também pode se materializar com o objetivo de que seus filhos “[...] saiam da condição sociofamiliar em que vivem” (p. 29).

Comprar livros didáticos para se estudar em casa, incentivar o estudo e a leitura diária durante as férias, estudar e ler os conteúdos escolares de seus filhos para auxiliar nas atividades e promover discussões, verificar lições de casa e o desempenho escolar, aumentar listas de exercícios ou solicitar que produzam

histórias (LAHIRE, 1997, p. 29) são ações que os pais realizam para que o sucesso escolar de seus filhos seja obtido:

A mãe controla constantemente a filha, manda-a fazer tarefas, verifica se fez corretamente, controla suas notas, sua frequência, pune-a ou bate nela quando não faz as coisas corretamente, compra-lhe cadernos de exercícios de férias, vai ver os professores para fazer-lhes perguntas, pôs a filha na fonoterapia (há dois anos)... Até podemos destacar a prática do catecismo todas as quartas-feiras pela manhã (forma escolarizada de transmissão da religião: com leitura, audições, diálogo...) e a frequência ao centro de atividades extra-escolares, indicando uma participação em instâncias educativas externas. E as palavras do professor responsável por Johanna confirmam realmente essa impressão: “Sua mãe se expressa bem, hein?”, “ela é muito acompanhada pela mãe, que se preocupa com ela, leva-a à fonoterapia (LAHIRE, 1997, p. 260-261).

Em concordância, Piotto (2008), referindo-se à obra Lahire (1997), ressalta algumas atitudes de investimento pedagógico de um pai, em um dos perfis descritos, que realçou o bom desempenho escolar de sua filha, Salima:

Apesar de o pai de Salima não saber precisar a classe em que os filhos estão (ela tem mais dois irmãos), e tampouco poder ajudá-los nas tarefas escolares, ele valoriza a escolarização, cuida para que façam suas lições e os incentiva a realizarem atividades acadêmicas, levando-os à biblioteca ou comprando livros. Estimula-os, ainda, a escreverem um diário de férias, expressando “seu ressentimento em relação a essas práticas que gostaria de poder ter feito” (PIOTTO, 2008, p. 704).

Referindo-se ao mesmo assunto, um estudo realizado com alunos de camadas populares que obtiveram sucesso escolar observa-se que:

[...] mesmo não comparecendo a reuniões da escola os pais dos alunos estudados usaram estratégias como recorrer à ajuda de vizinhos para ensinar lições aos filhos, pedir livros emprestados aos vizinhos e a amigos, colocar irmãos mais velhos para ajudar nas tarefas escolares, fazer os filhos exercitarem o que aprenderam na sala de aula, solicitar a professores e vizinhos informações sobre a qualidade das escolas, dar valor às práticas de leitura e de escrita dos filhos. O estudo mostrou também haver nessas famílias controle das saídas e das amizades dos filhos, bem como uma boa relação entre pais e filhos e amizade entre irmãos. Os pais mostraram também valorizar a escolarização dos filhos ligando-a a melhoria das condições de vida futura para eles (PIPINO *et al.*, 2011, p.2).

Lahire (1997) compreende que todo esse esforço familiar pode se tornar um “[...] hiperinvestimento escolar ou pedagógico [...]” (p. 29). Acredita-se, portanto, que tais investimentos podem ser excessivos em certas configurações familiares, sendo

capaz de suscitar efeitos nem tão positivos no desempenho escolar dos filhos como: tensões, inseguranças, autocobrança em demasia e perda da autonomia:

O sobre-investimento da parte dos pais não é isento de efeitos negativos, podendo ser gerador de tensão na relação pais-filhos. Deste modo, em alguns trabalhos de natureza quantitativa são detectadas correlações negativas entre as práticas de envolvimento dos pais e os resultados escolares, relativamente a modalidades que implicam intervenção direta no trabalho escolar dos filhos (como apoiar o trabalho de casa; pagar explicações; mandar recitar lições e punir resultados), isto é, quando colocam em causa a autonomia dos últimos (DIOGO, 2010, p. 90).

Dessa maneira, o investimento familiar dos pais nas trajetórias escolares de seus filhos pode, em situações mais ou menos adequadas, ser rigoroso, ou não, para alcançar o objetivo pretendido (LAHIRE, 1997, p. 29). Compreende-se que as formas familiares de investimento pedagógico são um dos fatores imbricados no sucesso ou no fracasso escolar dos membros de uma família.

Em virtude das variáveis listadas por Lahire (1997), vale apontar que, semelhantemente, Teixeira (2010) constatou fatores explicativos em relação ao sucesso escolar dos jovens estudados em sua pesquisa. Dentre esses fatores que interferem no desempenho escolar, para a autora, estão:

[...] leitura precoce; cálculo racional do percurso escolar dos filhos e disposições familiares ascéticas; ordem moral doméstica de rigor, valorização do estudo e trabalho escolar, acompanhamento do trabalho escolar, valorizando a auto-regulação; estilo de educação contratualista e papel fulcral da figura feminina (mãe). Verifica-se ainda que a frustração das ambições escolares dos pais funciona como alavanca para o sucesso dos filhos, o que permite compreender este fenómeno como parte da trajetória familiar geracional (2010, p. 375).

Tais dimensões e variáveis apontadas até o momento são exemplos de como as configurações familiares, de maneira distinta e singular, interferem nos desempenhos escolares de seus membros. Para averiguar tais variáveis:

[...] é preciso substituir as imagens simplistas e unilaterais [...], por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes irreconciliáveis; ([...] abandonar o ponto de vista único, central, dominante, em suma, quase divino, [...] em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade dos pontos de vista coexistentes e às vezes diretamente concorrentes" (BOURDIEU, 1997, *apud* TEIXEIRA, 2010, p. 377).

Ademais, com base nas evidências teóricas dos autores aqui estudados, o próximo capítulo tratará das ilustres contribuições de Lahire (1997) para o campo da Sociologia da educação. Além dos trâmites das configurações familiares, será abordado, com o objetivo de aclarar, como denota Lahire, “[...] o olhar para os casos particulares, ou, melhor ainda, para a singularidade evidente de qualquer caso [...]” (p. 32), as deslumbrantes reflexões do sociólogo em decorrência das variáveis na obra de 1997.

3 CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESEMPENHO ESCOLAR

No decorrer deste capítulo, destacam-se as conclusões de Lahire (1997) acerca das divergentes formas de influências das configurações familiares nas trajetórias escolares. Considera-se também a leitura de outros autores que dialogam com a temática. Ademais, estão presentes na conclusão deste capítulo as contribuições de Lahire (1997) para o campo da Sociologia da educação.

3.1 Decorrências das reflexões a partir das variáveis

Na obra de 1997 de Lahire, após a realização das entrevistas, o autor pontua algumas reflexões acerca dos dados que colheu ao longo de sua pesquisa. Tais considerações são imprescindíveis para compreender como as configurações familiares influenciam no desempenho escolar e sustentam a tese do sociólogo de que o sucesso ou o fracasso escolar não podem ser entendidos somente pelos resultados-padrões dos dados estatísticos, pois são limitados e generalizantes, dificultando uma análise individual, focada e direcionada para cada caso.

3.1.1 O mito da omissão parental e as relações famílias-escola

Associa-se constantemente o envolvimento dos pais na escola como causa e efeito do sucesso escolar. Sobre essa questão, Diogo (2010) comenta que o envolvimento dos pais na escola é visto como solução para a resolução de problemas escolares e da sociedade e quando isso não ocorre, a crítica a uma demissão parental vem à tona. Em decorrência das variáveis estudadas por Lahire (1997) e dos resultados de sua pesquisa acerca do desempenho escolar e das configurações familiares, o autor afirma que a omissão parental é um mito.

Lahire (1997) alega que a prática de muitos docentes de conferir aos pais, especialmente de alunos com fracasso escolar, uma indiferença, desprezo, abandono ou falta de interesse nas trajetórias escolares de seus filhos é puramente errôneo e equivocado (p. 334). Esse mito, produzido principalmente pelos professores, que ignorando totalmente as lógicas das configurações familiares, averiguam impropriamente, a partir do desempenho escolar dos alunos, se as famílias se

envolvem ou não no campo pedagógico, menosprezando facilmente simples participações dos pais na vida escolar.

Tendo como nota os resultados e as reflexões das entrevistas feitas pelo sociólogo francês, entende-se que os pais, de alguma maneira, intervêm na trajetória escolar de seus filhos. Muitas vezes, o substrato dessa intervenção única e diferenciada de família para família é um caminho para que as frustrações dos pais em relação à vida escolar sejam convertidas positivamente, e as ambições referentes a “mudar de vida” e a “ter futuro melhor” sejam possíveis de acontecer:

Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou uma “negligência” dos pais. Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles. Aliás, é importante destacar que os pais, ao exprimir seus desejos quanto ao futuro profissional dos filhos, tendem frequentemente, a desconsiderar-se profissionalmente, a “confessar” a indignidade de suas tarefas: almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal remunerado, mais valorizador que o deles (LAHIRE, 1997, p. 334).

Similarmente, Teixeira (2010) alega que, por meio dos filhos, os pais vivem um sonho que não foi alcançado por eles, e as frustrações das ambições escolares “[...] permite(m) transferir para os filhos o desejo de uma escolaridade prolongada” (p. 380).

A respeito disso, Carvalho *et al.* (2018) comentam que:

Tanto as influências das classes abastadas favoravelmente com capital cultural (BOURDIEU *apud* Nogueira, 2003), como o esforço empregado pelas classes populares, por meio da ordem moral doméstica (LAHIRE, 1997), fazem com que as famílias visem à boa escolarização dos filhos. Almejam que eles obtenham um diploma qualificado que atenda às suas expectativas de inserção social e profissional (2018, p. 239).

Certamente, segundo Lahire (1997), os pais não são indiferentes aos comportamentos e desempenhos escolares (p. 334-335) e “[...] através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança” (p. 26). De alguma forma, os pais se envolvem na vida escolar de seus filhos, seja por meio de punições, de coerções, de proibições, de investimentos, da ordem doméstica ou de controles morais e sociais:

As mães ou, mais raramente, os pais cuidam da escolaridade, controlam as tarefas, explicam quando podem, fazem repetir em voz alta as lições, compram cadernos de exercícios nas férias escolares

de verão para que os filhos continuem a se exercitar. Também ficam atentos para que estes deitem cedo todas as noites que antecedem os dias de aulas e, algumas vezes são extremamente prudentes com suas saídas e suas amizades. E o que dizer dos pais ou mães que batem nos filhos quando os resultados são ruins ou quando as cadernetas mostram que brincaram em aula? O que quer que se possa pensar da eficácia pedagógica dessa política disciplinar, tais fatos provam que os pais não são indiferentes [...] (*Ibid.*, p. 334).

Lahire (1997) cita também que esse mito disseminado pelos professores sobre a omissão dos pais, constantemente ocorre, pois os mesmos não são visíveis fisicamente na escola. Se não participam de reuniões, festas e passeios escolares ou se não são tão assíduos no ambiente escolar, precipitadamente são julgados pelos docentes como pais que não se interessam pelo percurso escolar de seus filhos (1997, p. 335). Dessa forma, os educadores justificam, indevidamente, o desempenho escolar das crianças pelo grau de participação e de presença de seus pais na escola, “[...] mas isso não pode ser considerado como uma ‘causa’ do ‘sucesso’ das crianças” (*Ibid.*, p. 336).

Em concomitância, pautando-se no dizer expressivo de Diogo (2010), a crítica à demissão parental ocorre principalmente com pais que não comparecem no espaço escolar, e qualquer outro tipo de envolvimento realizado fora da escola acaba sendo irrelevante e irreconhecível pela instituição de ensino. Ademais, a autora esclarece que, “[...] para as famílias menos escolarizadas, a ida à escola, significa um confronto com uma cultura que não dominam (Silva, 2003) e com uma avaliação que os condena” (p. 84).

Diogo (2010) entende que “[...] é relativamente às famílias com condições de vida mais precárias que a crítica à demissão no envolvimento escolar surge mais habitualmente” (p.80). A autora pondera que:

Os estudos que incidem nestas famílias, também mostram, de forma recorrente, que não se pode dizer que não se interessam pelos filhos, nem pela sua escolaridade. Tal como Lahire conclui, mesmo quando as condições de vida familiar e material são mais difíceis, bem como o apoio e o tempo dedicado à escolaridade dos filhos são mais escassos, é abusivo falar em demissão parental, na medida em que a demissão implica uma opção deliberadamente tomada que na realidade não acontece (2010, p. 80).

Cabe evidenciar que os professores, de acordo com Lahire (1997), tratam melhor os pais provenientes de camadas sociais médias e altas de forma mais

cautelosa e adúltera, se comparado com famílias das camadas populares. Parecem impor a cultura escolar às famílias, almejando somente o tipo de participação escolar que lhes convêm e, quando esta não se realiza, uma inconformidade se instala. “[...] é, portanto, dissimétrico: os pais se veem sendo aconselhados sobre a maneira de agir com seus filhos, mas os professores não gostam que lhes digam o que fazer” (p. 338). Ou seja, “para a escola os pais responsáveis são essencialmente os que comparecem na escola e não se intrometem no território pedagógico do professor” (DIOGO, 2010, p. 85).

Sobre o envolvimento dos pais e o desempenho escolar, Varani e Silva (2010) concluem que:

[...] embora a família seja fundamental no processo de desenvolvimento integral das crianças, ela não pode assumir sozinha a culpa pelo sucesso ou pelo fracasso escolar dos alunos, pois o bom ou o mau desempenho escolar não depende exclusivamente da participação/presença ou não da família na escola. Outros inúmeros fatores (sociais, políticos, econômicos e culturais) influem no desempenho, bem como no sucesso ou no fracasso escolar dos alunos, inclusive o tipo de participação requerido para a família (VARANI E SILVA, 2010, p. 524).

A partir dessas reflexões, compreende-se “[...] ‘o mito’ da falta de participação dos pais dos meios populares na escolarização dos filhos” (ZAGO, 2011 p. 72) e conclui-se que não existe uma relação de causa e efeito no que diz respeito ao envolvimento escolar dos pais e o desempenho escolar dos filhos (DIOGO, 2010, p. 90).

Portanto, é preciso desmitificar explicações acerca do desempenho escolar das crianças pautadas na “[...] falta de interesse ou participação dos pais na escolaridade de seus filhos” ou das “[...] carências culturais de origem” (ZAGO, 2011, p. 80). Cada configuração familiar detém seus próprios mecanismos e estratégias de envolvimento na vida escolar de sua progênie e estes não podem ser condenados ou julgados de acordo com a realidade cobrada pela escola.

3.1.2 O tempo e as oportunidade de socialização

Lahire (1997) evidencia que, para justificar o desempenho escolar das crianças, torna-se indispensável considerar o tempo e as oportunidades de socialização que os alunos têm no interior de suas famílias. Oportunidades essas que dados estatísticos

não podem verificar, uma vez que, para explicações sobre resultados de dados coletados, não consideram contextos essenciais na escolha dos critérios que levam em conta (p. 338).

O autor chama a atenção para os estudos do campo sociológico no que se refere às condições em que o capital cultural familiar é disponibilizado às crianças. Esclarece que “[...] é preciso, doravante, destacar as modalidades efetivas de ‘transmissão’ desse capital cultural, os procedimentos pelos quais alguma coisa como a cultura se ‘transmite’ no nível comum das práticas (familiares ou outras)” (p. 399).

O sociólogo destaca que pode haver famílias em que os pais dispõem de um alto capital cultural e cercam as crianças de objetos culturais, porém, pela falta de tempo, pela alta ocupação doméstica ou profissional, acabam por deixar se instalar uma escassez de tempo para que o capital cultural familiar seja socializado e transmitido. Dessa forma, a criança pode não construir e conceber esse capital, pois não tem contato com ele. “Sem estar jogando com palavras, podemos dizer que não basta, para a criança, estar cercada ou envolvida de objetos culturais ou de disposições culturais determinadas para chegar a construir competências culturais” (p. 338).

Mães, pais, ou a figura de referência para os indivíduos em fase de escolaridade que trabalham excessivamente, ficam pouco tempo em casa e têm um nível exacerbado de ocupação e de tarefas, podem potencializar um possível fracasso escolar (PIPINO *et. al*, 2011, p. 3). Não se pode perder de vista, a partir das teses dos autores até aqui citados, que não existe uma fórmula ideal para explicar os desempenhos escolares.

Sebastião (2007), em análise aos resultados de sua pesquisa quanto à mobilização das famílias em torno da escola, reflete que, mesmo quando o aluno é destinado ao fracasso escolar, hipóteses destinadas aos pais, como falta de tempo, baixo interesse ou desqualificação em conteúdos escolares, não podem ser afirmadas como justificativa do desempenho. O autor defende que um determinado discurso para as trajetórias dos alunos “[...] não pode ser analisado de forma isolada, já que importa verificar se as famílias, na ausência de qualificações ou disponibilidade, recorrem a outro tipo de estratégias de apoio às atividades escolares dos filhos (p. 297).

Como enfatiza Lahire (1997), o capital cultural disponível numa configuração familiar só tem sentido se existirem condições de transmissão desse capital. Mesmo

que as pessoas no interior de uma família tenham disposições a favor de compartilhar o capital cultural que detêm, se não houver condições e tempo propícios para dispersar o capital de maneira regular e sistemática para que as crianças construam suas próprias disposições culturais não existirá, portanto, efeitos de socialização.

De forma contrária, nota-se o poderoso efeito gerado em famílias que compartilham seu capital cultural de maneira harmônica, constante e regular. “Podemos dizer, lembrando uma frase célebre, que a herança cultural nem sempre chega a encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde” (p. 338). Logo, “o problema não se coloca então somente na presença ou na ausência do capital cultural, mas no modo de transmissão desse capital” (ZAGO, 2011, p. 79).

Estruturando-se nas ideias de Lahire (1997) e dos autores até aqui estudados, é necessário compreender qual pessoa está mais próxima da criança, se ela cuida da escolaridade, se detém capital cultural e se existe oportunidade de socialização desse. Esses fatores, detalhes do cotidiano familiar, têm grande significância para o entendimento de fracassos e de sucessos escolares e dificilmente são contemplados nas perspectivas estatísticas.

3.1.3 Transmissão ou construção?

Em decorrência das reflexões de Lahire (1997), o mesmo sanciona que, no percurso escolar, social ou familiar, os indivíduos são influenciados a todo tempo pelos elementos e pelas condições ao seu redor que implicam em suas concepções de mundo, de ação e de decisão. Diante disto, o autor pondera que, em nossos processos de aprendizagem, intencionais ou não, em que se é influenciado por outro ser, mãe, pai, professor ou outra pessoa qualquer, passamos por uma etapa de construção do conhecimento e não de transmissão, já que esta consiste em questões mais exatas, objetivas e unilaterais.

O autor exemplifica que o termo transmitir cabe quando se transmite uma carta de um destinador para um destinatário, uma herança a um herdeiro ou um objeto para uma pessoa. Nota-se que nesses casos o material que se destina não é modificado ao chegar ao destinatário. Existe, pois, uma transmissão, já que nesses exemplos o que foi “outorgado” é inalterável, imutável e imodificável. Verifica-se, por conseguinte, que “[...] a transmissão parece não mudar nada da natureza ou do conteúdo [...]” (1997, p. 340), o que igualmente não acontece quando um indivíduo aprende algo.

Na esfera cognitiva, quando uma pessoa aprende com outra, seja de forma intencional ou não, o que um indivíduo inicialmente pretende ensinar nunca será aprendido e concebido pelo aprendente de maneira exatamente igual à forma de pensar e entender daquele que ensinou (1997, p. 340).

É possível lembrar exatamente o momento em que se aprendeu a sentar à mesa? E quando segurou ou empurrou um objeto? Ou quando aprendeu a ligar uma televisão? Ou até mesmo o instante em que deu uma primeira opinião numa conversa? Esses aprendizados não ocorrem de forma mecânica ou por meio de uma transmissão concreta de um destinador para um destinatário, consoante com Lahire (1997), mas, sim, são construídos inconscientemente e aprimorados unicamente nas operações mentais de cada ser, conforme suas vivências e experiências sociais:

Há, pois, um grande número de situações nas quais a criança é levada a construir disposições, conhecimentos e habilidades em situações “organizadas” — não conscientemente — pelos adultos e sem que tenha havido verdadeiramente “transmissão” voluntária de um conhecimento (*Ibid.*, p. 342).

Lahire (1997), ao remeter às formas de transmissão de um patrimônio cultural ou social de um adulto para uma criança, confere que este ato é muito mais uma construção do que uma transmissão, uma vez que formas de agir, de pensar, de sentir e de se comportar são apropriadas internamente de maneiras diferenciadas de indivíduo para indivíduo, pois cada ser é influenciado por tantos outros seres e por tantos outros que foram persuadidos:

Os horizontes se revelam diferentes sob muitos aspectos. Em primeiro lugar, o “adulto” (enquanto tal) possui um horizonte e uma vivência linguística que não estão ao alcance imediato das crianças, que constroem o sentido da situação de aprendizagem e dos conhecimentos propostos a partir do estágio de seu desenvolvimento cognitivo (socialmente determinado pelas experiências linguísticas das quais participam). Em segundo lugar, entre o adulto-docente e as crianças-discentes as diferenças são também diferenças de modo de inscrição nas relações sociais, de formas de configurações sociais de referência (a criança é um menino ou uma menina, um filho mais velho ou um caçula, um filho de funcionário público ou de um dono de uma grande empresa privada, um filho de pais imigrantes ou um filho cujos pais nasceram na França, e a assim por diante) (1997, p. 341).

Uma cultura, princípios ou valores de um adulto, ou de um professor não são transmitidos para uma criança da mesma forma que uma mensagem é transmitida para um destinatário ou quando uma herança é destinada a um herdeiro, existe uma

maturação de pensamento e de construção única e individual quando se trata de apropriação de conhecimentos. “As noções de capital cultural e de transmissão ou de herança perdem, afinal de contas, sua pertinência assim que nos dediquemos à descrição e à análise das modalidades da socialização familiar ou escolar” (LAHIRE, 1997, p. 340).

Sendo assim:

Um indivíduo não seria normalmente um representante de um único grupo ou posição social, mas o produto complexo de experiências vividas em múltiplos cenários sociais e suas ações, realizadas em diferentes contextos, refletiria a complexidade e muitas vezes a incoerência ou mesmo a contradição interna de seu patrimônio incorporado (NOGUEIRA, 2013, p. 15).

Desta forma, Lahire (1997) enuncia que “[...] o que o adulto julga ‘transmitir’ nunca é exatamente aquilo que é ‘recebido’ pelas crianças” (p. 341). “Em outras palavras, a mobilização familiar não tem um efeito mecânico [...]” (ZAGO, 2011, p. 78) nos percursos escolares ou nas demais instâncias da vida de um ser.

Carvalho *et al.* (2018), respaldadas pela obra de Lahire (1997), discursam, a respeito do ensino-aprendizagem na escola, que:

[...] o conteúdo transmitido pelo professor não chega até o estudante exatamente como foi transmitido, pois existe uma lacuna entre o aparato linguístico do professor e o do aluno. Em se tratando de crianças, esse distanciamento é evidente, já que seu repertório linguístico e a construção do seu conhecimento associam-se a sua vivência (2018, p. 251).

Uma criança não é uma simples representação do meio social que se insere e nem das aprendizagens conferidas a ela, sendo extremamente incerto justificar o desempenho escolar somente a partir dos dados estatísticos.

3.1.4 Um patrimônio cultural morto

Todas as famílias, conforme os resultados da pesquisa de Lahire (1997), têm alguém tipo de patrimônio cultural, não são desprovidas de objetos culturais. Percebe-se o alto grau de investimento de muitos pais que compram livros, enciclopédias, dicionários, entre outros para que seus filhos possam explorá-los e “absorvê-los”. Porém, em alguns casos, como os impressos, esses materiais culturais podem estar na condição de *letra morta*, “[...] porque ninguém os faz viver familiarmente” (p. 342).

O autor chama atenção para a mediação e para a intervenção feita pela família em relação a esses objetos culturais. Se em uma configuração familiar os pais compram livros e dicionários diariamente para seus filhos, mas, se eles não leem ou incentivam a leitura de sua prole por falta de tempo e oportunidades de socialização, este patrimônio cultural torna-se morto.

Para exemplificar tal afirmação, há as reflexões de Lahire (1997) acerca de umas das entrevistas realizadas com os pais de Johanna U., aluna com fracasso escolar:

Ambos creem que a enciclopédia é para seus filhos e não para eles. Quase nunca a utilizam, tanto quanto não utilizam os dois dicionários (“Mas para enriquecer eles, porque ele [o filho] nos faz uma pergunta, ele só tem que olhar lá”). Ora, uma enciclopédia como a deles não é, sem dúvida, muito acessível para as crianças, mesmo às de 6ª série (principalmente para um aluno com dificuldade escolar). Trata-se de um patrimônio cultural que quase não é mobilizado pelos pais e para o qual as crianças estão, sem dúvida, totalmente despreparadas. É um patrimônio cultural morto, não apropriado e impróprio (1997, p. 262).

Cabe ressaltar que, em alguns casos, os pais ficam frequentemente decepcionados pelos filhos não fazerem uso do capital cultural de que dispõem, entretanto não se dão conta da falta de intermediação familiar e que o conteúdo pode estar desapropriado, colocando a criança numa situação paradoxal.

Livros intocáveis, inapropriados ou privados a integrantes de uma família não serão manipulados e lidos tão facilmente se não existir mediação: “[...] um capital objetivado não tem efeito imediato e mágico para a criança se interações efetivas com ele não a mobilizarem” (LAHIRE, 1997, p. 343).

Mediante as reflexões do autor, nota-se que, mesmo os pais que quase não leem, mas incentivam seus filhos a criarem narrativas, a lerem histórias, a ir à biblioteca e fazem-lhes contar sobre o que estão lendo, propiciam maior probabilidade de sucesso escolar do que aqueles que não vivenciam na prática o que defendem na teoria, já que, de fato, as intervenções familiares nas formas de uso dos patrimônios culturais fazem toda a diferença para que os mesmos sejam valorizados e manipulados com maior frequência, extinguindo a possibilidade de eles se tornarem mortos ou abandonados.

3.1.5 A integração social e simbólica da experiência escolar

Tendo como nota as entrevistas realizadas no livro de 1997, Lahire conclui que as famílias que realizam uma escuta ativa dos conhecimentos aprendidos na escola pelos seus integrantes e que mostram interesses pelos conteúdos escolares e valorizam o papel da escola propiciam uma maior probabilidade de os membros dessa família terem sucesso escolar e verem sentido no ato de aprender.

O autor cogita que, mesmo os pais que quase não possuem capital escolar ou aqueles que são desprovidos dele, podem contribuir para um bom desempenho acadêmico de seus filhos. Alega que essa contribuição pode ocorrer por meio de uma valorização constante do âmbito escolar capaz de provocar uma integração social e simbólica da experiência escolar, ou seja, “[...] através do diálogo ou através da reorganização dos papéis domésticos, atribuir um lugar simbólico (nos intercâmbios familiares) ou um lugar efetivo ao ‘escolar’ ou à ‘criança letrada’ no seio da configuração familiar” (p. 343), acarretando maiores condições para o sucesso escolar.

Em concordância com Lahire (1997), exemplo dessa integração se dá quando os pais, mesmo que com pouco capital escolar, pedem ajuda para seus filhos para organizar documentos, pagar e fazer contas, escrever bilhetes, ler correspondências, jornais ou revistas, ou, quando demandam que auxiliem os irmãos mais novos nas tarefas escolares, estão, pois, potencializando o letramento das crianças no interior da configuração familiar. Nota-se que, dessa forma, a criança não carrega sozinha os novos aprendizados que adquiriu na escola, compreendendo assim o imprescindível papel das instituições de ensino e dos conhecimentos proporcionados, uma vez que entende que os conteúdos ensinados têm valor, sentido, são aplicáveis nas práticas cotidianas e vinculados ao contexto em que vivem (p. 343).

Esse tempo e essas oportunidades de socialização das quais uma criança pode participar no interior de sua família despertam um “[...] reconhecimento, em legitimidade familiar” (1997, p. 344), isto é, a criança se sente importante e reconhece seu papel fundamental dentro de sua família.

Em uma das entrevistas feitas por Lahire (1997), verifica-se um caso em que a falta dessa integração social e simbólica da experiência escolar acarreta fracasso escolar. Observa-se que, ao invés de os pais pedirem ajuda nas tarefas domésticas

para seu filho Kamel B., com fracasso escolar, procuram auxílio de indivíduos que não pertencem à configuração familiar:

Quanto à escrita, o senhor e a senhora B. se viram com a ajuda de uma rede de vizinhos conhecidos. Quando há cartas um pouco complicadas de escrever ou formulários de impostos a serem preenchidos, “a gente pede a vizinhos”, a “chefes” no trabalho, que são “muito amáveis”, ou então aos filhos (essencialmente pela filha mais velha). Os bilhetes destinados à escola são regidos pela filha mais velha (“Ela é meio inteligente”), assim como as guias médicas e as ordens de pagamento que têm de ser preenchidas (1997, p. 222).

As ações desempenhadas pelas famílias têm relevância e podem ser decisivas tanto para âmbitos escolares quanto para os sociais e culturais. Famílias que cultivam interesses na vida escolar de seus membros, demonstrando “[...] importância social, simbólica, no próprio seio da coexistência [...]” (LAHIRE, 1997, p. 344), contribuem essencialmente para a “boa escolaridade” dos integrantes que a integram.

3.1.6 Capital escolar e experiência escolar

O capital escolar e a experiência escolar também fazem parte das reflexões finais de Lahire na obra de 1997. O autor atesta que as vivências escolares dos pais infundem no desempenho escolar de seus filhos. Em vista disto, experiências traumáticas, tristes ou angustiantes existentes no interior de uma família podem interferir no destino escolar (p. 344).

Lahire (1997) esclarece que bloqueios, como execução de cálculos, habilidade de leitura, escrita, memória ou até mesmo resistências e frustrações a erros escolares de um membro de uma configuração familiar, podem suscitar expectativas, receios e resultados negativos a outros integrantes:

O que se entende, em realidade, nessa configuração, é que, de certa maneira, Robert repete as dificuldades de sua mãe, de quem, particularmente, parece sentir-se próximo. A mãe, que toma conta de sua escolaridade, que lhe contava histórias quando era pequeno e que escuta suas histórias, parece lhe ter transmitido seus complexos, suas angústias, suas próprias dificuldades escolares, ao mesmo tempo que suas preferências. Por exemplo, Robert diz que o que ele prefere na escola é história, geografia e ciências, que são os assuntos de que a senhora F. nos diz gostar. Robert até precisa que é sua mãe quem o ajuda nesses três aspectos, e que ela gosta de ler livros de histórias e de ciências “como” ele. Robert também participa muito dos trabalhos de casa, ajudando a mãe, e diz, como ela, que gosta de cozinhar. A própria senhora F. diz que, quando era mais jovem, era “muito tímida”, como Robert (1997, p. 188).

O autor confere, a respeito da escolaridade da criança que “[...] é sem dúvida preferível ter pais sem capital escolar a ter pais que tenham sofrido na escola e que dela conservam angústias, vergonhas, complexos, remorsos, traumas ou bloqueios” (p. 354). Em decorrência disso, certamente ambientes, proporcionados pelos pais, de interesse, valorização e curiosidade escolar, são mais positivos para que as crianças possam se desenvolver sem obstáculos ou complexos no âmbito educacional, mesmo que esses pais não tenham capital escolar. “Essa é umas das razões que podem explicar o fato de que não se observa, em nossos perfis, um vínculo mecânico e direto entre grau de ‘sucesso’ escolar dos filhos e grau de escolarização dos pais” (p. 345).

É impreterível salientar que o que se transmite de uma geração para outra é muito mais que um capital escolar, mas as formas de ver, agir, de compreender, perceber e viver no mundo. Exige-se um olhar apurado e à escala individual no que se refere ao desempenho e ao percurso escolar, já que as famílias influenciam demasiadamente nesses.

3.1.7 A constituição das identidades sexuais

Subsidiado por suas averiguações, Lahire (1997) sanciona que o capital escolar e cultural de uma pessoa considerada referência no seio de uma configuração familiar, implica, de certa forma, no percurso escolar dos constituintes.

Em conformidade com o sociólogo e com outras fontes de pesquisa feitas por ele, pela clássica divisão sexual dos papéis domésticos, é a mulher quem se encarrega de cuidar da vida e do acompanhamento escolar dos filhos, ficando no polo racional, enquanto os homens “[...] contando com o trabalho de gerenciamento de suas mulheres, estão mais para o polo espontâneo ou hedonista⁹” (p. 345).

Por essa divisão dos papéis e pelas diferenças marcadas em matéria de disposição social, capital e atitude cultural entre os pais, nas entrevistas realizadas pelo pesquisador, a maioria dos alunos com dificuldade escolar são os meninos. Embora essa situação ocorra, Lahire (1997) ressalta que esse fato não é absoluto e, sim, relativo.

⁹ He-do-nis-mo *sm.* Tendência a considerar que o prazer individual e imediato é a finalidade da vida. He-do-nis-ta *adj2g.* e *s2g.* Definição encontrada no dicionário mini Aurélio, o minidicionário da língua portuguesa.

Por meio da análise dos perfis estudados no que concerne à referência sexual e ao desempenho escolar, Lahire (1997) enfatiza “[...] o peso da construção social das identidades sexuais na constituição das estruturas da personalidade e do comportamento dos filhos” (p. 346). Desse modo, o autor concebe as diferenças sexuais como diferenças sociais que entram em cena quando se trata de trajetórias escolares numa constelação familiar.

3.1.8 Contradições e instabilidades

No seio de uma configuração familiar, discrepâncias e divergências entre os princípios de socialização dos membros comumente ocorrem nos entrementes familiares. Nas reflexões finais de Lahire (1997), evidencia-se que as famílias estudadas apresentam contradições, instabilidades e relações de heterogeneidade e que, em parte delas, a criança convive com convicções, opiniões e princípios socializadores diferenciados, ou até mesmo opostos (p. 346).

O autor esclarece que as crianças, convivendo com elementos contraditórios familiares, têm pelo menos um membro da família nos quais podem se apoiar em relação a sua experiência escolar (tio, irmão, avó, pai, mãe etc.). Lahire (1997) elucida que essas contradições familiares podem ser um dos elementos que explicam o desempenho escolar das crianças, já que fazem parte do ambiente no qual mais convivem.

Contradições e instabilidades, consoante o sociólogo, de alguma maneira, estão no interior de uma família. A exemplo disso, pode existir numa configuração familiar, uma criança em fase de alfabetização, uma irmã graduanda, um pai analfabeto e um irmão repetente. Nota-se que a criança que frequenta o curso primário, conforme entende Lahire (1997), está cercada de princípios socializadores que, de certa forma, se contradizem. Assim, ter um bom ou um mau desempenho escolar, depende de em qual membro a criança se espelha e se apoia.

Em famílias com muitos integrantes e que abarcam gerações diferentes, pressupõe-se maiores contradições e instabilidades entre os princípios de socialização (LAHIRE, 1997, p. 347). A criança pode se deparar com diversos tipos de concepções, de entendimento e de valores:

A oposição ou a contradição pode estabelecer-se, conforme o caso, entre o controle moral muito rígido e a indulgência, entre o “divertimento” e o “trabalho escolar”, entre uma sensibilidade muita

grande para com tudo o que diz respeito à escola e uma menor sensibilidade, entre preferências pela leitura e uma ausência de práticas e preferências pela leitura... Mas as contradições perpassam, às vezes, as próprias pessoas, dúplices por sua história. A existência de princípios de socialização contraditórios faz com que a situação escolar da criança dependa, muito particularmente, de uma relação de força cultural entre os diferentes membros da família: a modificação das relações particulares de interdependência que possibilitam à criança “desobrigar-se” escolarmente pode fazer com que sua carreira escolar seja reconsiderada (1997, p. 346-347).

Vale considerar, ancorando-se nos resultados da pesquisa feita por Lahire (1997), que poucos são os casos de famílias que não têm nenhum tipo de contradição nos princípios e nos valores de seus integrantes. Ou seja, as configurações familiares são heterogêneas e seus membros lidam com exigências e com características variadas no interior do arranjo familiar, além de conviverem com um amplo leque de visões de mundo diferenciadas que influem na trajetória escolar (p. 347), como no relato do professor de uma das alunas entrevistadas com fracasso escolar: Souyla B. transcrito por Lahire (1997):

“Falei com a mãe dela, então ela já está sabendo. Não sei por que ela está sempre ausente assim. Aparentemente, ela ficaria na casa da avó, deve ter muitos problemas de saúde, enfim, ou então, basta qualquer coisinha, não vem. E além disso, tenho a impressão que é a sua avó quem cuida dela quase sempre. A mãe não está, e quando a mãe não está, se ela não tem vontade de vir, a avó parece que não diz nada. Porque a mãe dela, outro dia, me disse: ‘Não estarei no mês de junho, então fique atenta para que ela venha, porque é a minha mãe que vai cuidar dela, e, muitas vezes, se ela não quer vir, ela não vem’. Então, ela me disse: ‘Precisa telefonar nessa época’. E, aparentemente, se Souyla não pode vir, a avó não diz nada, ora” (1997, p. 211).

Existem instabilidades familiares que podem impactar fortemente e ser a causa de uma possível decadência no desempenho escolar de uma criança, como ausência da mãe por ter iniciado uma jornada de trabalho, a morte de um ente querido, um divórcio, abalo na condição financeira, um desemprego ou até a chegada de um novo membro na família (LAHIRE, 1997, p. 347-348). Em vista disso “[...] qualquer acontecimento que venha transformar a estrutura de coexistência familiar pode fazer com que tudo o que tinha sido adquirido com dificuldade possa ser reconsiderado” (p. 348).

O autor finaliza sua reflexão acerca das contradições e das instabilidades, alegando que, em configurações familiares em que se tem maior similaridade e

compatibilidade entre os princípios socializadores dos membros, conjectura-se maior tendência ao sucesso escolar dos integrantes. Dessa forma, reforça-se a tese de Lahire (1997) de que os trâmites interiores de uma configuração familiar implicam no desempenho escolar.

3.2 Contribuições de Bernard Lahire para Sociologia da educação

Relativizar o que se considera absoluto, duvidar do indubitável, questionar o inquestionável, conhecer o desconhecido e considerar o não considerável. Certamente essas e muitas outras reflexões trazidas na obra de 1997 por Bernard Lahire enriquecem o campo da Sociologia da educação e dão forma para uma ação docente crítica, justa, relativa, benevolente, coerente e equitativa.

O sociólogo sinaliza aos seus leitores a imperiosidade de analisar primordialmente o microssocial para descortinar o macrossocial, quando se trata do desempenho escolar, das disposições sociais e dos diferentes contextos e vivências humanas.

Zago (2011), similarmente, expõe que:

Um dos propósitos da pesquisa contemporânea na Sociologia da Educação é justamente poder avançar na compreensão dos resultados escolares sem cair nos determinismos sejam eles sociológicos ou psicológicos (2011, p. 79).

Segundo Lahire (1997), quando se aborda contextos humanos educacionais, os detalhes e uma observação crítica-esmiuçada são indispensáveis para a compreensão do todo. Nogueira (2013), ao mencionar a relevância dos aportes teóricos de Lahire (1997), declara que:

Sua maior contribuição talvez seja a de nos tornar epistemologicamente mais atentos em relação aos riscos de uma transposição mecânica, indevida e inadvertida de conhecimentos gerados em escala macrossocial para o plano individual (2013, p. 15).

A Sociologia à escala individual, conferida por Lahire (1997), contribui essencialmente para o campo educacional, dado que instiga e alerta os educadores a perceberem e a acolherem os alunos em suas diferenças. Permite considerar que as formas de conviver e perceber o mundo são relativas e heterogêneas de indivíduo para indivíduo e, extraordinariamente, desmitifica concepções genéricas e estatísticas

exatas referentes às implicações das configurações familiares no sucesso ou no fracasso escolar:

Assim, analisar sociologicamente a experiência individual implicaria considerar o efeito sincrônico e diacrônico de múltiplas experiências sociais, em parte contraditórias e mesmo antagônicas, agindo sobre o mesmo indivíduo. Implicaria, ainda, considerar o modo como os indivíduos reativam os produtos dessas múltiplas experiências em diferentes contextos de ação (NOGUEIRA, 2013, p. 6).

A concepção acerca dos dados estatísticos como análises gerais e a elucidação de sentidos comuns em relação ao desempenho escolar das crianças, além da ênfase na relativização de questões econômicas e familiares, são fatores que compõem a excentricidade da obra de Lahire (1997). Todos esses fatores sensibilizam a postura educadora, sugerem ressignificações das formas de conceber os trajetos escolares, condenam conclusões precipitadas e preconceituosas na esfera educacional e deixam marcas excepcionais na Sociologia da educação.

Registram-se, ainda, incríveis contribuições para o campo educacional no que concerne a defesa do sociólogo às impreteríveis redefinições dos conceitos de origem, meio e grupo social, quando utilizados erroneamente para explicações de sucesso e fracasso escolar. Concomitantemente, vislumbra-se que o desempenho escolar depende não só do ambiente social e familiar, mas também do grau de oferecimento de condições e de oportunidades disponibilizadas pela escola a distintos alunos (DUBET, 2004).

As teses de Lahire (1997) entram em acordo com as contribuições de Charlot (2000) para o campo da sociologia da educação, explicitadas por Varani e Silva (2010) de que:

[...] não se pode reduzir essa posição a um lugar em uma nomenclatura socioprofissional, nem a família a uma posição. O fato de o fracasso escolar ter alguma relação com a desigualdade social não permite, em absoluto, afirmar que a origem social do indivíduo é a causa do fracasso escolar. O autor defende a ideia de que o “fracasso escolar” é um fator que deve ser analisado individualmente, em sua singularidade. No entanto, ele não é um produto isolado, é contextualizado dentro de uma perspectiva histórica de cada sujeito (2010, p. 518).

Em resumo, sobre as contribuições para a Sociologia da educação, Lahire (1997) propõe “[...] uma análise empírica mais detalhada dos processos de constituição das disposições individuais e de atualização dessas em contextos

específicos” (NOGUEIRA, 2013, p. 7). Isto é, seja qual for a justificativa ou a análise em relação ao desempenho escolar e a outros contextos sociais de um ser, é crucial uma visão heterogênea, única e sem pressupostos irreais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de graduação abordou como as configurações familiares influenciam no desempenho escolar e do comprometimento das famílias com a trajetória escolar de seus filhos. Ancorando-se nas teorias de Lahire (1997) e de outros autores aqui analisados, nota-se o quanto essa temática é complexa e exigente.

O sociólogo Lahire, a partir de sua trajetória exemplar e rica, trouxe-nos incríveis considerações acerca dos trâmites entre as famílias, os alunos e a escola. Consta-se que seus estudos acerca das razões do improvável no campo educacional, especialmente a relação entre a criança com a escola e esta com a produção do fracasso escolar, geraram grandes contribuições no campo educacional e sociológico, conduzindo e inspirando novas pesquisas sobre fracasso e sucesso escolar numa perspectiva microssociológica e macrosociológica.

Os objetivos traçados inicialmente para a composição da pesquisa foram nitidamente respondidos, uma vez que foram apresentadas distintas maneiras de como as configurações familiares podem influenciar no desempenho escolar e as formas de cuidado, preocupação e comprometimento das famílias na vida escolar de seus filhos manifestos de diferentes modos.

Além disso, verificam-se possíveis implicações das configurações familiares como: o tempo e a oportunidade de socialização, as construções individuais, a integração social e simbólica da experiência escolar, o capital e a experiência escolares, as contradições e as instabilidades, a identidade sexual, os patrimônios culturais e familiares. Frisa-se ainda a presença de discussões em torno do mito da omissão parental ainda disseminado por muitos profissionais da educação que implicam nas concepções de ensino-aprendizagem.

Podemos afirmar, a partir das reflexões de Lahire (1997) e de outras acumuladas ao longo do trabalho, que existem variadas formas de justificar os trajetos escolares e estes não têm explicações absolutas e isoladas.

Diante disso, as variáveis postas pelo autor como maneiras de leitura das configurações familiares reforçam a ideia de que os dados estatísticos e as explicações absolutas acerca do desempenho escolar são insuficientes para se compreender as trajetórias escolares tomadas individualmente.

Dessa maneira, a ideia de Lahire (1997) de que nem o desempenho dos alunos muito menos as realidades de cada contexto familiar podem unicamente ser

explicáveis a partir da óptica estatística, se complementa, uma vez que a forma como se constituem os pensamentos, os valores, os princípios, as ações e as atitudes são inigualáveis.

Considerando os processos metodológicos de Lahire (1997), conclui-se a necessidade de uma análise relativizada e menos preconceituosa no que se refere às interpretações das situações sociais e educacionais. Desse modo, esclarecimentos exatos e inquestionáveis não cabem nas interpretações dos casos singulares de desempenho escolar das crianças. Por esse motivo, há de se questionar quando se toma explicações estatísticas pelo viés absolutista e incondicional em relação aos contextos sociais, educacionais, culturais e econômicos que as solidificam.

As trajetórias escolares, se concebidas de forma individualizada, emergem características e concepções essenciais para o entendimento do sucesso ou do fracasso escolar que visões gerais por vezes não consideram. A ideia de que cada configuração familiar tem seus próprios mecanismos de envolvimento contribui para uma concepção mais equitativa e contextualizada dos trâmites que envolvem o desempenho escolar.

Entre as reflexões dessa pesquisa a análise à escala individual, sem precipitações, generalizações e preconceitos, termos tratados por Lahire (1997), foi um dos aspectos fundamentais, desenvolvidos nesse trabalho, crucial para o campo educacional e para as observações das trajetórias escolares dos alunos. Além disso, os aspectos aqui estudados, como as variáveis de análise das configurações familiares e as decorrências dessas, são essenciais para que os educadores possam elaborar novas formas de compreender e conceber o sucesso e o fracasso escolar e suas relações de interdependência com as vivências e disposições familiares sob uma perspectiva mais heterogênea.

A heterogeneidade presente nas diferentes configurações sociais explana e corporifica que as vivências são incomparáveis, inigualáveis e só são verdadeiramente entendidas quando os pressupostos ficam em segundo plano e a busca pelo que se dizia improvável se instala.

Os temas aqui tratados são relevantes para os futuros e atuais docentes. Permitem uma interpretação mais fidedigna no que diz respeito ao desempenho escolar dos educandos e ao meio, grupo ou origem social em que estão inseridos. Reflexões que podem estimular novas metodologias e didáticas pautadas em acolher os discentes de maneira mais equitativa e apropriada.

Evidentemente, o que este trabalho aflora é, além dos contextos familiares e suas implicações nos percursos escolares, o indispensável papel docente e como este pode agir e engendrar perante as situações de fracasso ou de sucesso escolar de seus alunos. A prática educadora não é neutra, nem tampouco isenta de qualquer tipo de intenção e de interpretação. Por isso, um olhar individualizado e crítico, como defende Lahire (1997), se torna essencial para qualquer diagnóstico ou justificativa no âmbito dos resultados escolares.

Variadas contribuições para um olhar mais individualizado em sala de aula emergiram nessa pesquisa, contribuindo para minha futura prática docente. Acolher os alunos em suas diferenças e não generalizar seus resultados e experiências sociais ou escolares pelo discurso da meritocracia foram aprendizados imperiosos proporcionados pelas pesquisas e pelos estudos que compuseram este trabalho.

Além do mais, reconhecer o papel fundamental e único das configurações familiares e conceber o fracasso e o sucesso escolar como situações próprias de cada indivíduo foram assuntos mais que significativos tratados por Lahire (1997). Esses assuntos proporcionaram reflexões vitais para mim enquanto aluna e futura pedagoga, podendo propiciar ações mais efetivas, críticas e democráticas em minha subsequente prática pedagógica.

Interpretar singularmente as particularidades dos alunos, considerando-os agentes protagonistas de seus aprendizados em conjunto com o grupo em que se inserem, é uma conclusão decorrente de um percurso, como destacado ainda neste trabalho. Ademais, relativizar explicações absolutas ancoradas somente na origem social, considerar as divergentes formas de participação das famílias nos percursos escolares de seus filhos, sejam elas mais visíveis ou não, e perceber os indivíduos como seres carregados de história, de cultura, de bagagem social, de experiências e disposições são substancialmente aspectos fundamentais que se concluem nessa pesquisa a partir dos textos e dos autores estudados.

Como decorrência das reflexões deste trabalho, entende-se a necessidade de os professores estarem mais atentos em relação a sua formação para que não disseminem falsas ideias acerca do ambiente familiar de seus alunos e do percurso escolar deles. É, portanto, essencial que o desenvolvimento profissional docente considere a possibilidade da criação de estratégias para que os pais se envolvam cada vez mais na vida escolar de seus filhos, de modo que colaborem para o sucesso escolar deles. Acolher os alunos em suas diferenças e estimular o bom

aproveitamento educacional é, por excelência, o papel do professor enquanto agente social e político.

Nota-se também que cabe não só ao professor, mas a todos os envolvidos na escola refletir melhor acerca das concepções sobre o cuidado dos pais com as crianças e com a instituição de ensino, além de rever preconceitos e prejulgamentos no que se refere ao desempenho escolar e às configurações familiares. A criação de mecanismos mais adequados de participação dos pais na escola e a revisão de estratégias para favorecer o comprometimento escolar dos pais são tarefas árduas para os educadores, porém vitais para o maior sucesso escolar e para o fortalecimento do vínculo aluno, escola e família.

Assim, verifica-se a importância da compreensão dos docentes e de toda a comunidade escolar de que os arranjos familiares implicam no desempenho escolar e que as famílias se envolvem no cotidiano escolar de seus membros. Todavia, faz-se necessário que os educadores revejam e criem mecanismos de participação para que o comprometimento dos pais com a escola se intensifique e o sucesso escolar se fortaleça, temas relevantes e pertinentes para pesquisas futuras.

Quais outros elementos podem ser encontrados no interior das configurações familiares que influenciam os alunos escolarmente? Como sensibilizar os docentes para que desmistifiquem princípios e valores preconceituosos acerca da origem social dos alunos? Quais os novos impasses dos atuais arranjos familiares e suas interferências no desempenho escolar? Quais possíveis estratégias de participação a escola pode adotar para que os pais se envolvam e possam contribuir no sucesso escolar de seus filhos? Diante dessas questões, conclui-se que as temáticas abordadas merecem novos aprofundamentos e reflexões acerca do papel singular, único e heterogêneo das configurações familiares e suas implicações no desempenho escolar, além de como a escola pode formular mecanismos de participação para que os pais se envolvam na escolaridade de seus filhos com o intuito de favorecer o sucesso escolar.

A sociedade, a ciência e o campo educacional precisam de mais estudos dentro desse tema para que equívocos e determinações errôneas sobre a relação família e escola percam força. Acreditar nessa utopia é inevitável para avanços em um campo educacional com boa qualidade.

É preciso ter esperança, mas ter
esperança do verbo esperar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperança é se levantar,
esperança é ir atrás,
esperança é construir,
esperança é não desistir!
Esperança é levar adiante,
esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Paulo Freire

Ou isto ou, aquilo?

Ou isto, ou aquilo!
Desta forma, ou desse jeito!
Mas quem disse que tudo tem de se encaixar
no absolutismo dos preceitos?

Considerar o que não era considerado.
Perceber o que não era percebido.
Questionar o que não era questionável.
Conceber o que não era concebido.

O ontem nunca será como o hoje.
O que se vive outra vez há de se viver?
Por isso eu lhe pergunto, caro educador:
Cabe a nós delegarmos às disposições de um ser?

-Isabelle Sofia de Jesus, 2021.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, Idonézia Collodel; VIEIRA, Mauro Luís; FARACCO, Anna Maria. Suporte parental para crianças do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 784-801, jul/set. 2016.
- CARVALHO, Goretti Cristina Neves Marques Ribeiro; SANTOS, Roseli Albino; MENDONÇA, Suelene Regina Donola. Relação família-escola: influências na escolarização de estudantes do meio popular. *In*: SOUZA, Mariana Aranha ; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Currículo e suas diversidades de práticas e de abordagens**. Taubaté/SP: EdUnitau, 2018. cap III, 229-253.
- COSTA, Silvio Luiz. **A luta pelo ensino superior: com a voz, os evadidos**. 222f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2016.
- CUNHA, Maria Amália de Almeida. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524, jul./dez. 2007.
- DIOGO, Ana Matias. Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas, e evidências. **Revista Sociologia da Educação**, n. 1, p. 71-96, fev. 2010.
- DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de pesquisa**, v. 34, n.123, p. 539-555, set/dez. 2004.
- Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, maio/ago. 2004.
- LAHIRE, Bernard. A escola é a estrutura estável de quem vive numa família instável. Entrevista para Márcia Bindo. **Nova Escola**, Ed. 278, Julho, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9068/a-escola-e-a-estrutura-estavel-de-quem-vive-numa-familia-instavel>. Acesso em: 08 set. 2020.
- LAHIRE, Bernard. **O sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.
- LIMA, Rejane Nubia Gossler. Relação família/escola: uma parceria importante no processo de ensino e aprendizagem: A importância da família e da escola no processo de ensino e aprendizagem. **Brasil Escola**, 21 de out. 2014. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacao-familia-escola-uma-parceria-importante-no-processo-htm>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- NOGUEIRA, Claudio. A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação. Goiânia: **Anped**, 2013. Texto apresentado para a sessão especial “Estrutura e indivíduo: um debate acerca dos enfoques grupais e individuais na sociologia da educação”.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia Da Educação De Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 78, p. 15-35, 2002.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PIPINO, Jessyka Crystyane Assunção; MACHADO, Maria Fernanda Furlan; PASCOTE, Thais Sigiani; RAMALHO, Vanessa G. de Moraes; PAULA, Maria Tereza Dejuste. Família, sucesso e fracasso escolar: algumas anotações a partir da literatura. *In*: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15, 2011, São José dos Campos. **Anais Eletrônico**. São José dos Campos, Univap, 2011. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/0729_1089_01.pdf. Acesso em: 08 set. 2020.

PIOTTO, Cristina Débora. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 135, p. 701-727, set./dez. 2008.

POZZOBON, Magda; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. 2018. Intervenção com famílias de alunos com baixo desempenho escolar. **Ciências Psicológicas**, 12(1), 87-96. doi: 10.22235/cp.v12i1.1599.

ROSENFELD, Cinara Lerrer; QUEIROZ, Allan; BLANCO, Diego Monte; NAVAZO, Mathilde Mondon. **Sociologias**. Porto Alegre, vol.17, n.38, jan./abr. 2015.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; HORN, Cláudia Inês; GIONGO, Ieda Maria. Escola, família e as novas configurações da contemporaneidade: apontamentos de uma pesquisa. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 10, n. 2, p. 77-92, 2013.

SEBASTIÃO, João. Famílias, estratégias educativas e percursos escolares. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 17, p. 281-306, 2007.

TEIXEIRA, Elsa. Percursos Singulares: Sucesso escolar no ensino superior e grupos sociais desfavorecidos. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, Vol. XX, p. 375-393, 2010.

VARANI, Adriana; SILVA, Daiana Cristina. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set/dez. 2010.

VIANA, Maria José Braga. Resenhas. **Revista Brasileira de Educação**. N. 10, p. 115-118. jan./fev./mar./abr. 1999.

ZAGO, Nadir. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em sociologia da educação. **Sociologia da Educação: Revista Luso-Brasileira**, ano 2, n.3, p. 57-83, março, 2011.

APÊNDICES

DATA	DESCRIPTOR	BASE DOS DADOS	FILTRO	Nº DE ARTIGOS	ARTIGO SELECIONADO	OBSERVAÇÃO APÓS LEITURA
18/09/20	Família e fracasso escolar	SciELO	<ul style="list-style-type: none"> •Artigo •Português •Brasil •1997/2006 	6	1	Descartado (assunto não referente à pesquisa)
18/09/20	Família + fracasso escolar	Periódicos Capes	<ul style="list-style-type: none"> •Artigo •Português •1997/2007 	36	1	SEBASTIÃO, João. Famílias, estratégias educativas e percursos escolares. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto , Porto, v. 17, p. 281-306, 2007.
18/09/20	Lahire + configurações familiares	Periódicos Capes	<ul style="list-style-type: none"> •Artigo •Português •2010/2019 	17	1	TEIXEIRA, Elsa. Percursos Singulares: Sucesso escolar no ensino superior e grupos sociais desfavorecidos. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP , Vol. XX, p. 375-393, 2010.
18/09/20	Lahire e a sociologia da educação	Google acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> •Artigo •Português 	4.800	1	ZAGO, Nadir. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações escola: questionamentos e tendências em sociologia da educação. Sociologia da Educação Revista Luso-Brasileira , ano 2, n.3, p. 57-83 março, 2011.

18/09/20	Família e fracasso escolar	Google acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> •Artigo •Português 	22.000	1	VARANI, Adriana; SILVA, Daiana Cristina. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos , Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set/dez. 2010.
18/09/20	Dubet Mutações cruzadas	SciELO	<ul style="list-style-type: none"> •Brasil •Ciências H. •Português •2011 	1	1	Descartado (assunto não referente à pesquisa)
18/09/20	Sociedade e Indivíduo: a Sociologia Configuracional de Norbert Elias	Periódicos UFJF	<ul style="list-style-type: none"> •Português •2019 	1	1	Descartado (assunto não referente à pesquisa)
05/10/20	Fatores familiares desempenho escolar: uma abordagem multidimensional	SciELO	<ul style="list-style-type: none"> •Português •2013 	1	1	Descartado (assunto não referente à pesquisa)
06/01/21	Família e Desempenho escolar	SciELO	<ul style="list-style-type: none"> •Brasil •Português •Artigo •2015/2019 •Cadernos de pesquisa •Educação em Revista •Ciências •Humanas 	2	1	Descartado (assunto não referente à pesquisa)
TOTAL				26.887	9	4